MINHO STORYTELLING

NOVOS OLHARES SOBRE O MINHO

PRÉMIOS MINHO STORYTELLING

NOVOS OLHARES SOBRE O MINHO

CONTOS

Livro de Contos Estórias do Minho:
Prémio Minho Storytelling

Comunidade Intermunicipal do Ave

cim alto minho
comunidade intermunicipal do alto minho

vale do cávado
comunidade intermunicipal do cávado

Índice

05 **Prefácio**
Prof.ª Doutora Maria Amélia Ribeiro de Carvalho

Primeira Edição
07 Adélia Santos
17 Ana Maria Wolf
27 Ana Margarida Gomes da Silva

Segunda Edição
35 Sónia Emília Veiga Rossa
43 Joana Miranda Gramoso
61 Nuno Miguel Ferreira Domingues

Terceira Edição
71 Rui Miguel Cerqueira Coelho
79 Maria de Fátima Pereira Marinho
89 Fernando José Vieira Cardoso de Sousa

Comunidade Intermunicipal do Ave
Rua Capitão Alfredo Guimaraes, n.º 1,
4800-019 Guimarães

Comunidade Intermunicipal do Alto Minho
Rua Bernardo Abrunhosa, 105
4900-309 Viana do Castelo

Comunidade Intermunicipal do Cávado
Rua do Carmo, 27 – 33
4730-309 Braga

Prefácio

Bem-vindos a um mundo de encanto e tradição, que transcende o tempo e o espaço. É com grande entusiasmo que se apresenta a mais recente coleção de contos, que mergulha nas raízes culturais e na herança da região do Minho, no norte de Portugal.

Após três bem-sucedidas edições do Concurso "Minho Storytelling: Novos Olhares sobre o Minho", ao longo de três anos, o Consórcio Minho IN convida os leitores a partilharem diferentes olhares sobre esta região através da leitura desta edição de contos, dos nove contos vencedores (três em cada edição). Este Livro de Contos Estórias do Minho: Prémio Minho Storytelling oferece uma perspetiva multifacetada, diversificada e inovadora sobre esta fascinante região. Promovendo uma nova plataforma de talentos em que os participantes foram incentivados a explorar as suas raízes e tradições inspirando-se na riqueza cultural que a região oferece, o Minho é apresentado aqui a partir de diversas lentes, visando assim enriquecer o panorama cultural da região e valorizando o riquíssimo Património Minhoto.

Com a sua paisagem exuberante, vegetação, rios e vilas históricas, o Minho torna-se o cenário perfeito para a criação de contos que captam a essência da região. Conhecida pelas suas paisagens pitorescas, história, gastronomia e tradições vibrantes, esta região alimenta estes contos que vão além dos estereótipos e trazem à luz novos olhares. Cada um dos contos é um convite à exploração de um universo de narrativas que ecoam desde os tempos antigos até a contemporaneidade.

Com imaginação e criatividade narrativa, e insuflando vida aos seus personagens, os autores conseguem transportar o leitor para esse lugar mágico, onde a tradição se mistura com a modernidade, de forma fascinante. Assim, o talento dos participantes consegue explorar os cenários menos óbvios e apresentar histórias que se situam quer nas aldeias e suas festas populares, quer nas lendas e mitologia, ou ainda nas paisagens naturais e nas vidas simples de quem as habita.

Com o seu traço inovador, os autores têm o dom de transformar histórias antigas em algo fresco e atual, mantendo viva a herança cultural do Minho, enquanto a renovam com uma pitada de criatividade contemporânea. Cada conto é uma janela para um aspeto único do Minho, uma jornada que nos leva a conhecer a região de forma mais pessoal.

Ao lerem o livro Minho Storytelling: Novos Olhares Sobre o Minho, os leitores podem esperar serem cativados por narrativas envolventes e personagens carismáticas que personificam a essência do Minho. Estas histórias são uma celebração do passado, do presente e do futuro da região, oferecendo uma visão enriquecedora de um dos lugares mais encantadores de Portugal.

Minho Storytelling: Novos Olhares sobre o Minho constitui uma homenagem a essa região única, um tributo ao poder da narrativa e à capacidade de contar histórias como uma maneira de transmitir cultura, valores e identidade.

Convida-se os leitores a embarcarem nesta viagem literária e a descobrirem os segredos e as maravilhas que esta região tem para oferecer. Agradecemos aos nossos autores por partilharem as suas histórias e aos leitores por nos acompanharem nesta emocionante série de contos.

Prof.ª Doutora **Maria Amélia Ribeiro de Carvalho**

PRIMEIRA EDIÇÃO
1º CLASSIFICADO - ADÉLIA SANTOS

OS MILAGRES DE SANTO ANTÓNIO EM MIXÕES DA SERRA

OS MILAGRES DE SANTO ANTÓNIO EM MIXÕES DA SERRA

Adélia Santos

No alto do monte de Mixões da Serra, ergue-se a velha ermida de Santo António. Durante três séculos, ali se tem mantido firme, de porta aberta, para acolher os poucos habitantes que ainda residem na serra. Na verdade, os dedos de uma mão bastam para contar todas as casas que abrigam os pastores e os lavradores das fortes intempéries que, por vezes, se abatem sobre a região.

Nas redondezas, a paisagem apresenta-se agreste. As lajes de granito revelam-se imponentes ao cobrirem grande parte da serra, juntamente com pequenas fragas arredondadas, que não são mais do que as guardiãs daqueles montes. Pouca terra sobra para aconchegar a escassa vegetação que por ali se atreve a crescer, mas a urze, a giesta, o tojo e o mato vão furando, teimosamente, a terra pedregosa. Aqui e ali, pequenos núcleos de castanheiros, carvalhos e pinheiros vão contrastando com a restante paisagem.

Nos invernos mais rigorosos, todo o monte se cobre de branco, pois, sem serem convidadas, a neve e a geada insistem em ali acomodar-se durante longos e vários dias. Quando não há neve e geada, é a chuva torrencial que, em poucos dias, deixa a magra terra oprimida. Chove como se não houvesse amanhã! Há dias em que mais parece um dilúvio e as águas descem a serra em catadupa, enchendo, lá em baixo, o rio Homem, obrigando-o a inundar ferozmente as suas margens. Também os ventos fortes e danados, vindos de todas as direções, uivam como lobos esfaimados.

Em contrapartida, há dias em que o nevoeiro chega em silêncio, pela calada da alvorada, não deixando vislumbrar um palmo à frente do nariz. Aquela quietude apenas é interrompida pelo tilintar dos chocalhos do gado, que é o único a testemunhar que por ali há vida, e que vida! Uma vida que faz com que apenas os mais corajosos, herdeiros de um passado longínquo, ali permaneçam, teimosamente, como santos protetores.

Todavia, na primavera, a cantiga é outra. A serra veste-se a rigor com os seus mantos de festa, exibindo as mais belas cores, como que a querer brindar os seus habitantes com o que de mais galante o Criador soube oferecer, numa tentativa de os compensar dos invernos agrestes. Que bonita fica a bendita serra, lá isso fica, é um verdadeiro cantinho do Paraíso!

No sopé da serra, a terra é mais fértil, mas os moradores pouco mais colhem do que centeio, batata, milho, hortaliça e algum vinho. A somar a isto, há anos em que o verão também não se revela um grande amigo dos residentes, já que o calor excessivo teima em deixar tudo mirrado, e os lavradores, coitados, resignados, adivinham mais um ano de magros caldos. Na verdade, se não são as intempéries a arruinar- lhes, por completo, a vida, os lobos e os javalis encarregam-se de aumentar os prejuízos, já, por si só, avultados.

Nos meses de agosto e setembro, das montanhas bravas da Serra do Gerês, descem os javalis até Mixões da Serra e ali matam a sua fome nos milheirais e nos pequenos campos de centeio, destruindo as culturas por onde passam com as suas pesadas patas. Na tentativa de salvar o que lhes resta, há noites em que os lavradores ficam de vigia nos campos, fazem fogueiras e tocam buzinas para afastar os invasores. Já os lobos, carniceiros e famélicos, afiam os dentes para as ovelhas, para

as cabras e para o gado bovino, deixando os pastores com os nervos à flor da pele. Porém, os homens e as mulheres deste cantinho do mundo são gente de grande valentia e não baixam os braços, não desistem de lutar por aquilo que lhes pertence, nem, muito menos, aceitam resignados que os seus animais sejam dizimados pelos lobos ferozes. Contudo, não deixam de viver em constante sobressalto! De noite, dormem com um olho nos lobos e o outro nos rebanhos, e quando os avistam, ou ouvem os seus indesejáveis uivos nas redondezas, tocam de imediato, a rebate, a sineta da capela. Em poucos minutos, o adro enche-se de gente e todos juntos lá vão fazer a batida aos bichos. De dia, cercam-nos com paus, forquilhas, sacholas e pedras, fazem um barulho infernal de modo a assustá-los, e a caçada é, de imediato, facilitada. Muitas das vezes, avistam-nos para os lados de Gondomar, a freguesia vizinha, mas aí a conversa é diferente! Os lobos são escorraçados para os dois fojos, o velho e o novo, que, circundados por muros altos de pedra seca, os impedem de escapar à cilada. Caídos nos fundos fojos, os miseráveis animais não têm por onde fugir. Perderam aquela luta, acabou-se, é o seu fim! Contudo, é algo a que as gentes da terra já se habituaram, pois é a lei da sobrevivência, aquela que perdura há vários séculos entre os lobos e o Homem.

Mas este povo tem uma grande aliada, a fé, a fé nas suas divindades e nos seus santos. E ali, em Mixões da Serra, contam com a especial proteção de Santo António, que mora na pequena ermida de pedra, onde está a velar por eles. Dizem os moradores que Ele é o maior santo, que é o maior protetor dos animais em todo o mundo, e que no seu dia, o dia 13 de junho, todos os devotos, sem exceção, paticipam com os seus animais na sua festa, pela qual aguardam ansiosos ao longo de todo o ano.

– Meus queridos irmãos – proclamava o padre –, como sabeis, a ermida do nosso Santo António já está velhinha, pois foi construída no início do século XVII, quando os lobos dizimavam todos os rebanhos por estas serras. Por essa altura, também a peste por aqui assolou e matou muitos animais. Os nossos avoengos, com muita fé e devoção, prometeram a Santo António que se lhes valesse nessa aflição e protegesse os seus animais construiriam um espaço sagrado para o venerarem. Além disso, afiançaram que o local escolhido seria o largo onde, à noite, juntavam todo o gado, para o protegerem dos lobos.

– Meus irmãos – prosseguia o bom padre –, Santo António ouviu as súplicas, a peste desapareceu e os lobos deixaram de dizimar os animais. Ainda hoje se diz que foi um milagre de Santo António! Agora, todos podemos ver que esta ermida é exígua para albergar tantos devotos, especialmente no dia da festa em sua honra. Assim, a nossa Confraria de Santo António decidiu construir um novo templo, mas, como sabeis, todos temos de contribuir para tão grandiosa obra.

Nos dias seguintes, não se falava de outra coisa por todo o concelho de Vila Verde e arredores. O entusiasmo era grande, mas o sacrifício também o seria! O dinheiro não abundava por aqueles lados, já que os tempos eram de enorme dificuldade. Na verdade, o padre e a confraria tinham esperança de que o povo arregaçaria as mangas e de que o mesmo daria todo o contributo que lhe fosse possível.

– Com a graça de Deus e de Santo António, havemos de conseguir levar este nosso sonho a bom porto! Santo António bem o merece! – exclamava o povo cheio de confiança e de fé.

Pouco tempo depois, o esquisso para o novo santuário estava projetado. A Mixões da Serra, chegavam carros de bois carregados de pedra, que vinham de Vila Verde, Amares, Terras de Bouro, Ponte da Barca e Ponte de Lima. O caminho era longo e muito íngreme, especialmente pela serra acima, sendo dificultado pelos grandes buracos, escavados pelas chuvas. Também havia os caminhos com penedia e aí a tormenta era ainda maior. As relheiras cavadas ao longo dos séculos pelas rodadas dos carros de bois, com pesados carretos, deixaram as suas profundas e vincadas rugas nas rochas, tornando o percurso um verdadeiro desafio de coragem, de força e de equilíbrio. Ao menor descuido, os carros podiam tombar, colocando os animais e os seus donos em risco de vida. Todos, sem exceção, suavam as estopinhas para chegar ao cimo de Mixões da Serra.

– Isto é um verdadeiro calvário, mas nosso Senhor, Jesus Cristo, também sofreu. É grande o

sacrifício, mas temos o coração cheio de alegria! Nada podemos negar ao nosso Santo Antoninho! – exclamava o povo, sempre com uma palavra devota nos lábios.

Que era um verdadeiro teste à fé, lá isso era. No entanto, quem não estava nada satisfeito com aquela ideia de construir um novo templo era o Zé da Seninha, que, muito mal-humorado, vociferava:

– Santo António não precisa de uma casa *noba*, quem precisa sou eu, que *bibo* com os catraios e a mulher numa choupana, onde entra *chuba* e *bento* por todos os cantos e esquinas, e onde, à *noute*, até os ratos nos azucrinam o juízo!

A mulher, envergonhada, interrompeu-o:

– Não ligueis ao que ele diz! Ontem, quando trazia um carreto de pedra pela serra acima, *escorrigou* e malhou *c'os* ossos no *tchão*, e *num* foi lindo de se *ber*. Nem sequer quero pensar na *desgrácia* que podia ter *acuntecido* se *tibesse* partido uma perna, um braço ou as costelas. Ainda anda todo dorido – apressou-se a mulher, Madalena, a desculpá-lo perante os vizinhos.

– Já *bos* digo que não *borto* a *lebar* nem mais um carreto de pedra! O padre que as carregue e que *bá pró* raio que o *lebe*! Já agora, também pode lebar com ele o santo! – gritou.

Os outros moradores benzeram-se muito incomodados com aquela blasfémia do vizinho. Eram tementes a Deus e tinham medo de ser castigados. Afinal, todos sabiam da desgraça que tinha acontecido ao lugar de Cabaninhas, ali, na freguesia, há alguns séculos.

– Ó *home*, tu *bais* direto *pró* inferno! Por tua causa, ainda nos acontece alguma *desgrácia*. *Alembras-te* do que nos *contaba* o padre *belhinho*, que Deus o tenha? Pois então, eu *alembro-te*! – disse, muito zangada, a mulher do Zé da Seninha.

– Foi no dia de Santa Luzia, num ano de muita chuba. Nesse dia, *estaba* um temporal medonho, *chobia* tanto que parecia que o céu *estaba* a cair aos pedaços, e o *bento* era tão forte que parecia que *arrancaba* tudo por onde *passaba*. Nessa noute, chegou um mendigo a Cabaninhas a pedir que o acolhessem, mas todas as casas lhe bateram com a porta na cara. Todas, menos uma, a mais pobre, onde *bibia* uma *biúba* desamparada, com filhos pequeninos. Foi ela que o deixou entrar, deu-lhe um bocado de pão para cear, e deixou-o secar as roupas, esburacadas, que lhe cobriam o corpo magro junto à lareira. Durante essa noite, as bátegas batidas a *bento* e as *troboadas* faziam o casebre estremecer. A pobre mulher de joelhos, juntamente com os seus filhinhos, imploraba a Santa Bárbara, por misericórdia, que os *librasse* daquela tempestade. Foi uma noite de tormentos!

Madalena, com um ar muito sério e dramático, lá prosseguia a contar a desgraça de Cabaninhas, e todos a escutavam com grande atenção:

– Naquela *noute*, o temporal arrastou todas as casas pelo monte abaixo. *Lebou pedras*, *lebou terra*, *lebou* moradores, *lebou* animais, *lebou* palheiros, *lebou* tudo, tudo, tudo! Foi tudo parar lá abaixo ao rio *Home*! De Cabaninhas, apenas ficou a casa da *biúba*. E sabeis quem diziam ser o mendigo? Jesus Cristo, que acabou por castigar os moradores pela falta de caridade com o próximo.

– Está tudo muito bem, mas eu tenho de ganhar o pão para dar de comer aos nossos oito filhos. Já *arrebentei* o carro, pois as rodas não aguentaram com tanto peso das pedras! *Tibemos* muita sorte em não perdermos também os animais! – desculpava-se, um pouco envergonhado e já arrependido, o Zé da Seninha, com o que tinha dito, acrescentando:

– Bem, como o meu carro está partido, o que posso fazer, enquanto não o arranjo, é ir com os meus bois e umas cordas grossas que tenho lá em casa ajudar a puxar os bossos carros pelo monte acima. *Catro* bois a puxar, o carro até há de boar! – disse, já bem-disposto.

Todos agradeceram. A mulher, vaidosa pelas palavras do marido, disse:

– Este meu *home* tem bom coração e é um *paz d'aurma*! Deus vai ajudar-nos, como sempre o fez, não nos *bai* faltar com um bocado de pão na mesa!

Uma das vizinhas que estava muito calada e atenta a ouvir a história de Cabaninhas ainda perguntou:

– Foi por causa dessa *desgrácia* que construíram a capela de Santa Bárbara, em Cabaninhas?

– Isso já *num* sei, o padre *belhinho* não me disse, mas que a capela é *munto* antiga, lá isso é! – realçou Madalena.

– E os mortos?

– Alguns corpos apareceram no rio *Home* e foram sepultados nas capelas de S. Brás e S. Pedro que lhe ficavam próximas.

O dia da romaria, com a tão desejada bênção dos animais, chegou rapidamente. Desde altas horas da madrugada que o povo caminhava por caminhos e carreiros pela encosta acima, iluminados pela misteriosa lua cheia. Vinham, como já o faziam há anos, acompanhados pelos seus animais, para que todos, sem exceção, fossem benzidos. O gado bovino chegava todo engalanado com flores e fitas penduradas na testeira, pois havia que os apresentar a Santo António no seu melhor. Os rebanhos de ovelhas e cabras também não faltavam à romaria. De vez em quando, como que para dar o ar de sua graça, lá soltavam os seus balidos e não se negavam a uma boa bocada na erva fresca que serpenteava no caminho pela serra acima.

À chegada, os devotos cumpriam as suas promessas, dando várias voltas em torno da capela, alguns até o faziam de joelhos. Os penitentes levavam ex-votos em cera, com a forma dos seus animais, ou velas. Com o terço entrelaçado nos dedos, debitavam, em murmúrio, a Avé-Maria, a Santa-Maria e o Pai-Nosso. Depois, em frente ao altar-mor, agradeciam ao seu santinho e pediam-lhe mais um ano de proteção para os seus animais e para as suas colheitas, rogando ainda saúde para cada um deles.

No coreto, cumprindo a tradição, a Banda de Música de Aboim da Nóbrega tocava o hino ao padroeiro.

Do altar da ermida, o padre agradecia, comovido, todas as ofertas de pedras que tinham chegado, ao longo do ano, para a construção do novo templo. As obras iriam iniciar em breve, e o padre, com grandes qualidades de orador, com voz forte e clara, apelava ao coração dos crentes:

– Santo António não é de Lisboa, Santo António é de Mixões da Serra e de todo o mundo! Santo António é o santo que mais milagres concede, pois por todos os cantos do mundo a ele recorrem nas suas aflições. Santo António, abençoai estes animais, estes montes, estas serras, estes campos, estas fontes de água tão pura! Livrai-nos dos lobos, dos javalis, das pestes e das guerras! Abençoai este povo trabalhador e honesto, que sofre com resignação as contrariedades da vida, mas que não vira as costas às dificuldades! Santo António, abençoai este povo cheio de fé e de humildade, e rogai por todos nós!

O sacerdote, com grande eloquência, continuava:

– Este ano, vamos, de um modo especial, pedir a Santo António que proteja todos os nossos rapazes, os soldados que das nossas aldeias partem, deixando as suas famílias para combater na guerra. Sabeis que uns já estão em África e que outros vão a caminho de França, por isso supliquemos a Santo António que os proteja e que os traga sãos e salvos! Ámen!

Defronte da ermida, pastores e lavradores ouviam o bem-falante padre e aguardavam ansiosos pela bênção dos seus animais: cabras, ovelhas, vacas, bois e cavalos, que ali se encontravam junto dos seus donos. Eram, com certeza, mais de duas centenas de animais, e todos, sem exceção, permaneciam quietos e calados. O silêncio era impressionante, sendo apenas interrompido pela voz do padre!

Decorridos cerca de sete séculos do tempo em que Santo António proferira na cidade de Arimino, em Itália, um sermão aos hereges, que, não o estando a ouvir, o obrigaram a pregar aos peixes, parecia que o milagre se estava a repetir. Naquele tempo, os peixes juntaram-se aos milhares para escutar a palavra de Santo António, impressionando as gentes incrédulas e levando-as à conversão, mas ali, naquele local sagrado, a fé imperava entre os homens e os seus animais.

O padre ficou confuso e, ao mesmo tempo, comovido, ao vê-los a permanecer durante tantos minutos estáticos, já que os animais pareciam entender cada palavra que ele proferia. Aquele cenário fez lembrar-lhe o milagre de Santo António e a mula do herege que se prostrou de joelhos perante a Hóstia consagrada.

Também o povo lhe parecia estar em êxtase. Seria um novo milagre de Santo António, ali, em Mixões?! O padre estava atónito e, por instantes, também ele ficou em silêncio, sem conseguir pronunciar uma única palavra. O seu coração batia apressadamente e os seus olhos encheram-se de lágrimas de felicidade.

Enternecido com aquela situação, ali mesmo prometeu que dentro do novo Santuário colocariam uma pintura alusiva ao sermão de Santo António aos peixes, retratando o momento em que o povo não se dignou a Ouvi-lo, e, para contrastar, ao lado, pintariam outro quadro relativo àquele magnífico momento que todos os presentes estavam a vivenciar. Assim, ficaria perpetuado aquele dia 13 de junho de 1917.

PRIMEIRA EDIÇÃO
2º CLASSIFICADO - ANA MARIA WOLF

MALAS E SONHOS

MALAS E SONHOS

Ana Maria Wolf

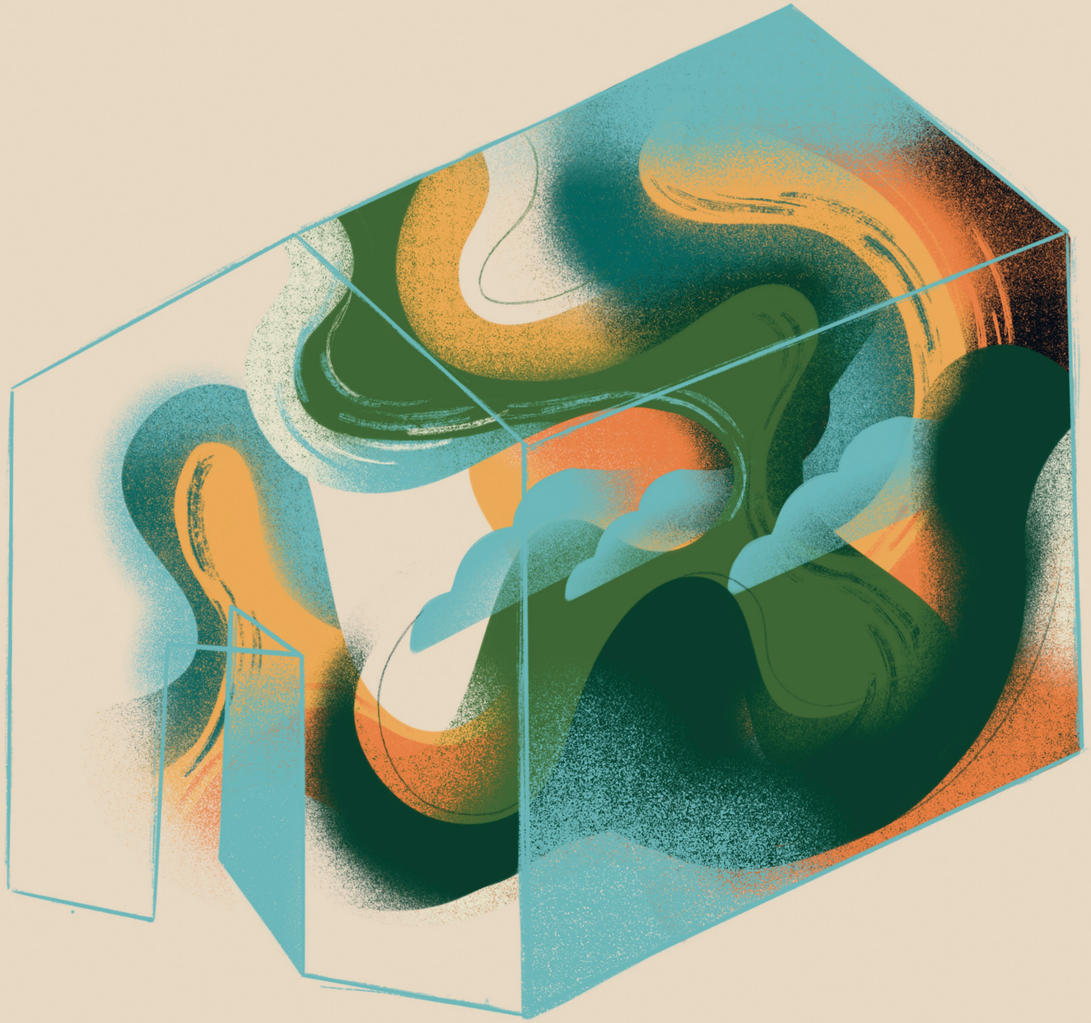
Esta aventura inicia-se n uma manhã de sol.
De muito longe eu parti,
Um imenso oceano atravessei
Muitas horas de viagem enfrentei.
Para trás deixei a família, os amigos e muitas saudades...
Entre os abraços e as lágrimas de despedida,
O coração apertado ficou.
Comigo apenas as Malas e os Sonhos...
Num enorme pássaro de aço embarquei.
O coração está acelerado durante a descolagem, as mãos estão suadas...
Esta não é apenas mais uma nova viagem,
É o início de um novo tempo, uma nova estação!
Ainda posso ver o sol sob as nuvens, mas aos poucos ele se foi embora
E a escuridão chegou com a noite,
Ela trouxe consigo o medo e a incerteza sobre o que está por vir.
Ao meu lado posso ver centenas de pessoas, quantas histórias poderiam ser contadas
Homens, mulheres, jovens, velhos e crianças, alguns dormem, outros estão a conversar.
Eu ouço choro e passos pelos corredores, porém o tempo não passa
A distância torna-se ainda maior durante a noite, pois tudo que vejo é a imensa escuridão.
Até que os primeiros raios de sol começam a surgir,
Que alegria, um novo dia está por começar!
Já posso ver as nuvens tão lindas e brancas como algodão,
Da cabine vem o aviso do comandante, com uma voz forte, mas gentil:
"Apertem os cintos, pois vamos iniciar os procedimentos de aterrizagem".
Os comissários reforçam os procedimentos de segurança... é um momento de tensão.
No horizonte já posso ver a terra firme aproximando-se.
Quanta emoção, está logo ali, diante do meus olhos, minha nova casa,
Ela é linda vista de cima, uma paisagem de encher os olhos!
Contemplo a beleza da praia,
Brilhando como diamante com os primeiros raios de sol.

Logo avisto as primeiras construções, são casas e edifícios.
O avião se aproxima, então posso ver toda a cidade,
Estamos perto de tocar o solo, a emoção é inevitável!
Os sentimentos misturam-se: alegria, medo, ansiedade, felicidade...
Em alguns minutos estarei no solo, pronta para iniciar um novo capítulo em minha história
O ruído do trem de aterragem durante a descida é forte, mas não tanto como a batida do coração.
Aterramos no chão, o avião para, a viagem foi tranquila, absolutamente sem turbulências.
As portas abrem-se e as filas para o desembarque se formam nos corredores,
Por alguns segundos, meu instinto é continuar sentada no meu assento,
O medo do que está por vir é assustador...
Mas sou tomada pela coragem, levanto-me pego minha mala e caminho para a porta,
Despeço-me e agradeço o carinho dos comissários, sempre tão gentis e prestativos.
Viro-me para porta e já estou no túnel de acesso à área de desembarque,
Eu caminho com a segurança de estar no lugar certo
E no olhar, a esperança de dias melhores,
Caminho até ao setor de imigração e tenho uma grande surpresa ao chegar!
Vejo uma grande fila e logo penso " Isso vai demorar",
Nela há pessoas de diversas nacionalidades, alguns estão em turismo ou em trabalho
E outros como eu, em busca de novas oportunidades.
Todos com seus passaportes e documentos nas mãos, com olhares apreensivos,
Eu aguardo nesta grande fila minha vez para passar pela imigração,
Olho para os lados e noto diversas faces típicas de seus países de origem,
Observo grandes famílias animadas com a viagem internacional,
Mas também vejo pessoas sozinhas, concentradas em seus telemóveis.
Ouço diferentes idiomas e concluo: realmente é um lugar multicultural!
Há um detalhe muito importante que não posso deixar passar despercebido,
Eu não estou sozinha nesta aventura, comigo está o meu grande amor,
O amor de uma vida inteira!
Ele segurou forte a minha mão em todos os momentos do medo durante a viagem,
E em meu ventre a esperança de um novo tempo selada por um bebê que está a caminho,
Sim! Trago comigo uma bebê que está prestes a chegar a este mundo, são 20 semanas de gestação.
A fila vai andando e, enfim, chega nossa vez, seguimos até o balcão de atendimento,
O coração acelera novamente, mas logo acalmou-se pelo sorriso do atendedor.
Logo, recebemos o carimbo da autorização para a entrada.
E ouvimos a tão esperada frase: " Bem-vindos a Portugal!".
Que sensação indescritível, enfim estamos prontos para prosseguir.
O que nos aguarda? Um novo tempo de descobertas e realizações,
Vejo pela esteira de bagagem minhas malas, coloco-as no carrinho e sigo para a saída.

Então abre-se a porta do aeroporto e vejo diante de mim a bela e vibrante Lisboa,
Fico impressionada com a paisagem encantadora da cidade,
Com suas edificações históricas e ao mesmo tempo modernas,
Deixando-a com um aspeto contemporâneo e acolhedor,
Há um movimento frenético de pessoas, tudo é absolutamente incrível!
Porém, este não é o meu destino, o nosso destino...
Embarcamos no autocarro com destino ao Norte, em direção à tão esperada região do MINHO.
Ao fundo vejo Lisboa desaparecendo, dando lugar a uma nova paisagem,
Tudo é novo, estou cada vez mais impressionada com a beleza que passa pelos meus olhos,
Seguimos pela auto-estrada, cruzando cidades, freguesias e aldeias.
O verde da natureza se confunde com o cinza das construções.
O tempo passa, é dia de sol, mas com muito frio...
O céu esta todo azul, porém o vento é forte.
A cada minuto nos aproximamos da cidade que escolhemos para ser nosso novo lar,
Sinto alegria, curiosidade, ansiedade, não sei mesmo explicar ao certo o sentimento.
Cruzamos boa parte do país e enfim estamos chegando ao fim da viagem
Desde a partida até ao momento já se passaram 72 horas, que parecem ser intermináveis,
Mas está quase no fim, cruzamos a fronteira dos distritos de Porto e Braga.
Meus olhos não deixam passar nenhum detalhe despercebido,
Como criança estou animada com tudo o que vejo, é absolutamente muito bonito,
Chegamos à tão esperada cidade de Braga, é fevereiro e o vento está muito forte, chega até a assobiar,
As árvores estão todas sem folhas,
Já podemos sentir o frio, mas é tudo tão especial e bonito que nada pode me desanimar!
Nós estamos prontos para desbravar o que há de mais belo em todo o Minho,
Sinto-me tão curiosa em conhecer cada detalhe das cidades desta região incrível,
Cada história contada através da arquitetura e da conversa fácil com os minhotos.
Como o amor pela terra é visível em cada fala,
Podemos sentir o orgulho de quem aqui vive,
Os dias vão passando e quanto mais conheço a região, mais apaixonada passo a estar.
Cada cidade tem suas particularidades culturais, sua história própria,
Que, apesar dos anos, ainda é tão viva e atual na arquitetura e na memória de toda gente.
Ainda é inverno, faz frio, mas a primavera se aproxima,
Já posso ver a beleza nas flores que começam a colorir a cidade e a perfumar as ruas,
Os incríveis jardins estão a ficar cada dia mais coloridos, o clima já não é tão frio,
A receção e carinho dos moradores locais continuam-me a encantar.
Em cada passeio uma nova descoberta, são tantos museus, castelos, igrejas...
Cada cantinho destas cidades, reservam uma nova surpresa aos visitantes,
São tantas riquezas arquitetônicas e culturais que enchem a mente de conhecimento

E a alma de alegria,
Os dias vão passando e as paisagens vão se transformando,
A esta altura as ruas estão deslumbrantes, o verde das árvores que tomam conta do visual,
É impressionante como a estação transforma completamente o aspeto das cidades,
A região fica ainda mais bela, colorida e alegre, as pessoas estão nas ruas e nos parques!
Vejo as crianças felizes a brincar, os jovens contagiados pela primavera, a transpiram de alegria!
Tenho a certeza que escolhi o lugar ideal para continuar a escrever minha história...
E cada dia é um novo capítulo, cheio de novidades e esperança.
Agora minha felicidade está completa, pois nesta altura estão connosco nossas duas princesas!
As vozes altas, os gritos, as músicas animadas e sorrisos vibrantes da juventude
Bradam pelos corredores, quebrando o silêncio da casa,
Trazendo som, movimento e alegria ao ambiente.
Os passeios tornam-se ainda mais empolgantes,
Pois há novos olhares a cada lugar especialmente visitado,
Estamos viajando pela história, imaginando um mundo tão diferente do que conhecemos hoje.
São grandes as descobertas, tão ricas em detalhes de um tempo que não volta mais,
Apenas podemos imaginar pelo que vemos e ouvimos.
O Minho é um sítio muito especial e inspirador, para onde olhamos vemos beleza
Há tanta diversidade cultural ao mesmo tempo que a preservação das tradições é levada a sério
Muitas vezes perco-me em meus pensamentos com tantas informações,
Há muitas coisa para conhecer, várias histórias a serem descobertas e aventuras para vivermos.
Meus sentimentos são um misto de alegria e satisfação, estou encantada!
Sinto-me segura e confiante que tudo dará certo e seremos felizes neste lugar.
Os meses passam e já estamos no verão, o Sol é muito quente...
No coração vem a lembrança do calor tropical que ficou para trás.
Os dias são longos e o pôr do Sol do Minho é o mais lindo de todos que já vi,
Ao olhar pela janela ou no alto de um miradouro a visão do Sol a se recolher é espetacular!
Há um colorido incrível como uma pintura feita por um pintor muito inspirado.
Com os dias quentes podemos desfrutar das deliciosas praias fluviais,
Quanta beleza natural disponível nas margens dos rios, a água brilha como a prata,
São frescas e límpidas, onde os adultos e crianças podem brincar com tranquilidade.
Outro atrativo incomparável são as pontes, impossível dizer qual a mais bela!
Pontes que nos ajudam a compreender melhor a história,
Pois através delas foram edificadas as grandes cidades que vemos hoje,
Foram fundamentais para o desenvolvimento de Portugal na antiga civilização.
Fica claro para mim a importância histórica de cada uma delas,
Elas ajudam-me a visualizar e compreender melhor o antigo Minho.
Que imagem inesquecível o cair da tarde nas pequenas praias,

Posso ver o reflexo do sol nas águas deixando um lindo contraste com o verde das árvores,
Paisagem tão linda e agradável quanto ao nascer do Sol no litoral!
Aos primeiros raios da manhã, o mar é calmo e a brisa é leve...
O litoral do Minho banhado pelo oceano Atlântico e azul como o céu em dias de verão
O vento no decorrer do dia é forte, mas não impede um refrescante mergulho.
As famílias estão felizes e a areia da praia fica lotada,
As crianças brincam, os pais descansam e os jovens curtem o sol...
No verão tudo é especial, podemos ver pelas ruas grandes festas e ouvir o som da alegria,
As pessoas estão bem dispostas, os dias são claros, há grandes celebrações por todo lado!
Vemos em Braga a tradicional festa de São João, lotada de turistas e bracarenses sorridentes,
Nas ruas e praças há um grande barulho vindo das cornetas que estão a ressoar,
Há musicas em todos os cantos, apresentações culturais e artísticas enriquecem a festa.
As comidas típicas e multiculturais nos enchem os olhos e dão curiosidade para prová-las.
É um tempo de alegria, pois as festas se multiplicam pelos conselhos,
Como a importante “Romaria em Honra de Nossa Senhora da Agonia”, em Viana do Castelo
E tantas outras riquíssimas tradições passadas de geração em geração.
O verão nos traz outra boa nova, que enche nosso coração de felicidade,
Enfim chegou o momento tão esperado por toda família: o nascimento da bebê.
Não posso conter a alegria e emoção deste dia,
Em solo português ouço pela primeira vez o choro desta linda menina,
Nossa Portuguesa com certeza, a família cresceu!
O tempo não para e nem tudo são flores para quem esta imigrando,
Surgem as dificuldades, as surpresas inesperadas e os novos desafios revelam-se,
Isso é natural para quem está disposto a recomeçar,
Porém algo enche meu coração de alegria e esperança neste momento,
Isso deve-se ao acolhimento dos Minhotos, uma gente recetiva, sempre pronta para ajudar.
Pessoas que não conhecíamos, que nunca tínhamos visto,
Mas que nos estendem as mãos e nos acolhem como verdadeiros amigos,
Posso perceber nestas ações o sentido das palavras “ carinho, respeito e amizade”.
Hoje certeza posso afirmar: “O povo do Minho é verdadeiramente bom anfitrião”.
Neste novo tempo tudo é surpreendente, posso perceber o amor pelas tradições ,
Preservado nas artes, em diversos estilos renascentista, manuelino, barroco e Art Déco,
Expostas pelas cidades como verdadeiras obras de artes a céu aberto,
Disponíveis a toda gente, ricos e pobres podem conhecer e desfrutar destas belezas.
São paisagens naturais ou edificações extraordinárias de encher os olhos,
Faltam-me palavras ao visitar o Santuário de Santa Luzia, em Viana do Castelo,
Construído no alto do monte, onde é possível ter uma visão imperdível da cidade e do mar.
E a sensação de estar diante do monumental Castelo de Guimarães?



Um marco na fundação desta nação, berço da nacionalidade portuguesa!
O que dizer da visita à fabulosa Praça Forte de Valença cercada por sua muralha centenária,
Lugar que traz em sua história marcas das guerras medievais.
Subir as escadarias do Santuário do Bom Jesus é muito difícil, requer esforço físico,
Mas ao chegar ao topo, que visão admirável deste patrimônio Cultural da Humanidade.
O privilégio de poucos em conhecer e desfrutar da pequena e pitoresca Soajo,
Famosa pelo conjunto de espigueiros de pedras, contruídos sobre granitos.
Inesquecível é o sentimento ao caminhar pelas históricas ruas, vilarejos e pontes ainda
preservadas em Ponte lima e Ponte da Barca, verdadeiro berço da civilização portuguesa.
Ao visitar a primitiva Igreja da Sé em Braga, um símbolo da fé e devoção do povo português,
Fico realmente impressionada com tamanha preservação cultural!
São tantos destinos extraordinários como as charmosas, barrocas e históricas cidades de Barcelos,
Vila Nova de Cerveira, Lindoso...
Não posso deixar de mencionar o Parque Nacional da Peneda-Gerês, que lugar maravilhoso!
A paisagem é sensacional, incrivelmente rica em sua fauna e flora, com certeza um paraíso!
Ao lembrar de tantas belezas ambientais e culturais posso concluir seguramente:
"O Minho é um lugar abençoado."
Ao escolher Vila Verde para viver, no centro do Minho, não tinha expectativas positivas,
Pois venho de um país muito bonito, com grandes qualidades e um povo extremamente acolhedor,
Logo as comparações seriam inevitáveis,
Porém eu não esperava apaixonar-me por este sítio, ser tão bem recebida,
Viver grandes aventuras e pequenas descobertas diárias,
Meu coração está em paz, tenho alegria em aqui estar e a certeza que não poderia ter escolhido
lugar melhor para viver!
Hoje posso dizer que o Minho conquistou-me...
Malas e Sonhos foi o que trouxe comigo,
Hoje eu ainda tenho aquelas malas, mas neste momento elas estão vazias,
E Sonhos?
Os sonhos agora são ainda maiores e estamos prontos para realizá-los ...

PRIMEIRA EDIÇÃO
3º CLASSIFICADO - ANA MARGARIDA GOMES DA SILVA

NAS SOMBRAS DA MEMÓRIA

NAS SOMBRAS DA MEMÓRIA

Ana Margarida Gomes da Silva

O Minho é marcado por paisagens verdejantes e por caminhos sinuosos entre as suas serras e elevações majestosas. Porém, a região minhota não é só feita destas caraterísticas inatas. Sem água os tons de verde não existiriam, e isso existe com fartura, ou não fossem os rios postais de entrada no mundo encantado dos tons verdes e castanhos.

Todos os caminhantes e viajantes, sempre que querem ultrapassar as margens, tem que andar nas inúmeras pontes que existem na região minhota. Este tipo de construções abunda, claro está, nas zonas consideradas como sendo ribeirinhas. E locais com elas? Podemos enumerar inúmeros casos, centenas, talvez, e algumas delas tem o seu nome por causa dessas mesmas construções como, por exemplo, Ponte de Lima e Ponte da Barca, dois concelhos transfronteiriços e que partilham o mesmo recurso hídrico: o Rio Lima. O município limiano não será mais citado aqui, só o barquense entrará nestas linhas e páginas indicadoras da tradição minhota e raiana.

Com o nascimento marcado no território espanhol, na zona da Galiza, o rio Lima marca desde inúmeros tempos, Ponte da Barca, antigas Terras da Nóbrega. Por isso mesmo, estas águas foram palco e viram acontecimentos únicos, porém, não nos podemos esquecer o nascimento de algo que tirou protagonismo às águas: a construção da ponte que liga as margens barquenses às margens arcuenses.

Mas, antes desse nascimento patrimonial, outro acontecimento lendário marcou este curso de água, momento esse que deixou a vegetação coberta de sangue de moribundos e de mortos. Já ouviram falar no rio Lethes? Se não ouviram, vão ouvir agora.

A Península Ibérica, antes de ser governada e partilhada pelos governos de Portugal e de Espanha, foi pautada por inúmeros povos e impérios que assentaram lá arraiais, como o Império Romano. Como não podia deixar de acontecer, este momento histórico trouxe a criação e a personificação de diversas lendas e, uma delas, teve lugar nas margens do rio Lima, mais propriamente em Ponte da Barca e Ponte de Lima, as lendas muitas vezes, falam nas duas localidades. E o Lethes foi o protagonista para uma história sangrenta e que perdura na sombra da memória…

O rio Lethes, para a mitologia romana, era um curso de água marcado pelo esquecimento, ou seja, quem entrava nas suas águas perdia a sua memória, e, por conseguinte, a própria consciência do seu íntimo, de quem era, de tudo, de tudo… Mas não vale a pena explicar, as consequências desse rio sem contar a tragédia que se abateu na legião romana no momento em que chegou a esse local depois de ter atravessado as fronteiras ibéricas. Os legionários, quando se depararam com esse curso de água, repararam que para ir em frente teriam que o ultrapassar. Alguns acolheram a ideia sem pensar e com obediência bovina, porém, outros sentiram temor e pensavam que a equipa estava louca. Não viam que aquela água era fatal e que estavam prestes a mergulhar e a entrar nas trevas soporíferas? Isso era o que os esperava depois de tocarem no Lethes e eles estavam a ver-se refletidos nessas mesmas águas e temiam o pior, pois, achavam que aquele era o rio lendário pertencente a Plutão, o deus dos mortos e do submundo.

- Não… não passaremos! Não veem que estamos perante uma barreira dos mundos? Este é o Lethes e vamos perder a memória se o ultrapassarmos- gritaram os soldados da ala mais religiosa e crédula.

- Soldados- falou o comandante colocando-se no centro da Legião Romana- O tempo urge e não podemos perder tempo com ninharias. Temos que ultrapassar o rio para continuar com a conquista, ou vamos ser vencidos e tudo terá sido em vão. E não querem isso, pois não?

- Prefiro voltar para a nossa pátria com a minha própria consciência do que entrar na próxima margem sem me lembrar dos meus amados filhos, ó nosso supremo líder- falou um soldado que fez uma vénia em sinal de respeito para com o comandante da expedição militar.

- Isto não devia acontecer assim…não podemos ligar a essas coisas, elas só nos limitam. Vamos passar camaradas, só assim iremos orgulhar a nossa pátria, camaradas.

Depois de uma pausa, o líder dos revoltosos colocou-se frente a frente com o general e retirou a sua couraça e respetiva espada, chegando a pousa-las na vegetação com tons verdes e castanhas, mas, que mais tarde, iria ser preenchida com vários tons encarnados.

- Não, não iremos passar, senhor e camaradas. Eu e os soldados preferimos ficar prostrados aqui, nesta terra de ninguém, do que que chegarmos ao desconhecido e sem a nossa memória a nos acompanhar- discursou emocionado e olhando para cada um dos legionários demoradamente e fixamente- Chegou o momento de decidirmos se queremos brincar com os nossos deuses ou se queremos respeitar as nossas crenças e tradições. As pessoas que estiverem comigo em pensamento que venham até mim e se ajoelhem.

Foi isso que aconteceu e as forças ficaram distribuídas de uma forma equilibrada, ou seja, as disposições militares tinham o mesmo número de elementos, algo que conseguia demonstrar de forma clara o antagonismo entre os dois líderes, o supremo e o agora autoproclamado. E a batalha campal e sangrenta começou. A lenda oficial não conta muito mais e existem versões que fala sobre uma reconciliação, mas o que não se sabe é que ninguém saiu vivo para comprovar a teoria sobre o mítico Lethes.

Depois de estocadas, encontrões, cabeças cortadas nas duas frentes, os dois líderes encontraram-se e olharam-se como se Marte os tivesse possuído, atirando-se um ao outro com ferocidade e sem pejo. Porém, ninguém conseguia sair vencedor e chegou o momento em que viram que todos já estavam caídos ao chão e que a Legião se tinha desmoronado.

O comandante da já extinta formação, o que não acreditava na lenda do mítico Lethes, à traição, aproveitando, a distração do rival, apunhalou-o em cheio no coração, deitando-o ao chão e pisando a arma até o outro se encharcar em sangue e perder a cor na sua face, deixando o coração de bater para todo o sempre.

Porém, nem o vencedor da escaramuça conseguiria sair do terreno ribeirinho. A sua morte, solitária, decorreu durante o crepúsculo, momento em já se ouvia barulhos da vida noturna, como o piar de algumas corujas e mochos. Tinha-se sentado numa pequena rocha e sentia-se fraco, com tremores e com um frio anormal que contrastava com o calor abrasador que tinha sentido tempos antes. Para tentar se sentir melhor, mergulhou as suas mãos ensanguentadas nas águas cristalinas e conseguiu apanhar algumas gotas para acalmar a sede que lhe arranhava sem dó nem piedade a sua garganta. No momento em que tocou com os lábios no líquido recolhido, os tremores aumentaram e ele soube que o seu fim chegara, e o mesmo não demorou muito. Horas mais tarde, alguns animais selvagens abeiraram-se da margem e comeram os cadáveres, menos o comandante, em que o seu corpo foi arrastado pelas águas e nunca um olho humano pôs a vista em cima do cadáver do brilhante militar do império romano.

Esta margem e uma mais distante que partilhava o mesmo rio cresceram e prosperaram tornando-se terras intituladas de Ponte da Barca e Ponte de Lima, nomes sempre ligados à mítica rede hidrográfica nascida em terras espanholas e parte integrante da nação portuguesa. O que não se sabe, nem em textos relacionados com mitos e lendas, é que aqueles soldados que ficaram sepultados a céu aberto estiveram sempre a ver o seu desenvolvimento e participaram ativamente na sua própria história, muitas vezes como espectadores, outras como atores através de corpos de outrem, talvez pela via da possessão e da encarnação. Isto não aconteceu por mero acaso, porque a cena militar que poderia ter entrado num poema épico da época clássica tinha sido assistida por dois deuses romanos: Marte e Júpiter, que resolveram brincar com a situação e mudar o destino e o além destes mesmos estrategas militares. O que aconteceu foi que os mesmos, com a autorização de Plutão, criaram um grupo de soldados destinados a proteger aqueles dois terrenos férteis e, assim, estes mesmos soldados seriam as almas dos corpos caídos nas margens do rio Lima.

Anos passaram, sem grandes revoltas nas redondezas, mas chegaram momentos em que foi necessário pegar nas armas e lutar pelas terras verdejantes onde os mesmos regressaram à vida e também muitos foram autores de proezas que desafiaram os costumes e as ciências que imperavam nas épocas em questão. Muitas vezes, os mesmos faziam atividades que representavam caraterísticas de alguns deuses da sua religião, com o intuito de os mesmos se sentirem mais perto da pátria, esta localizada no outro lado do mundo, pelo menos para a época em questão. Exemplos disso são representados na vertente dos recursos hídricos. Na própria mitologia existe um barqueiro diabólico que conduz os mortos até aos confins de Plutão, para lá repousarem no sono dos eternos. Durante muitos anos, quando o município barquense era ainda conhecido por Terras da Nóbrega, a população, para ir à vila mais próxima tinha que apanhar uma pequena barca, essa navegada por um dos antigos soldados. Ele, como gostava da profissão, tinha o hábito de entrar no corpo de crianças a partir da mesma família, mas em diferentes gerações, chegando ao ponto de aquela linhagem ser conhecida como Os das Barcas. A criança aprendia sempre o ofício do avô até ao momento em que se tornava jovem e adulto, altura em que era ele que fazia as travessias. Tal como a figura da tradição romana, este barqueiro, quando embirrava com os ocupantes do seu pequeno “navio”, fazia tropelias e alguns iam borda fora, muitas vezes sem conseguirem chegar à tona por causa dos temerosos redemoinhos existentes no rio Lima. Mais tarde, uma ponte começou a ser contruída e o nosso antigo soldado abandonou a família Os das Barcas para se apoderar de um trabalhador que se encontrava a trabalhar naquela construção e, assim, foi um dos responsáveis pela edificação do nome de Ponte da Barca, visto que esta mesma terra tirou os nomes da sua célebre ponte e da sua célebre barca que tantas vezes remou para Arcos de Valdevez.

Agora continuando na mesma a navegar por temas hídricos passaremos a contar a história de um dos navegadores mais conhecidos do mundo: Fernão de Magalhães, a primeira pessoa a concretizar uma circum-navegação, isto em plena época dos Descobrimentos. O que se desconhece é que aquele corpo, descendente de uma importante linhagem de Ponte da Barca ou Terras da Nóbrega, já não tinha a alma de Fernão, mas de um soldado que tinha sucumbido perante o conflito no intitulado Lethes. Tudo aconteceu depois do mesmo ter ouvido falar sobre um português, esse contratado pelo rei espanhol para concretizar esse mesmo feito, sendo que o antigo militar, agora um ser fantasmagórico, viajou até perto de Magalhães, apoderando-se, dessa maneira do seu corpo e controlando as suas ações e intentos. O mesmo tinha tido algumas noções de navegação na outra vida e aprendeu tudo o resto a ler pequenos tratados e a observar o resto dos marinheiros, porém, não é de esquecer que a deusa da sabedoria, Minerva, nos seus pensamentos e sonhos, transmitia-lhe o conhecimento necessário para proceder ao feito épico e heróico.

Contudo, mais tarde, o natural do império romano, num momento deveras crucial, resolveu, de maneira fútil, deixar de ouvir a voz e conselhos da entidade sagrada. Claramente que se lembram do triste fim de Fernão de Magalhães, morto em Mactam, depois de se ter envolvido num conflito com os nativos desse lugar pertencente às Filipinas por causa de uns equívocos criados (isto daria para escrever um romance), apesar de Minerva aconselhar prudência e de afirmar que a envolvência em algo bélico só iria prejudicar a empreitada naval. Com ouvidos moucos, deu vida ao seu espírito bélico, ou não fosse ele o líder da revolta nas margens do rio Lima. Depois, com a perda do corpo do comandante da expedição marítima, o espírito apoderou-se de Juan Sebastián Elcano, o responsável por ter terminado a circum-navegação. Porém, não foi por muito tempo, logo que chegaram a terras espanholas, o Pax, assim era o nome original do soldado revoltoso, preferiu voltar logo de seguida para as terras barquenses. Isso pode ser um dos motivos esclarecedores para o facto de Elcano nunca mais ter sido autor de atos registados na história. Será que não teria força de vontade ou Pax fez estragos incontáveis na sua alma pura e trabalhadora? Não se sabe e este espírito nunca irá contar a verdade para o sucedido, se é que ele possui culpa no cartório.

Como a água é mágica para o Alto Minho, não é? Penso isto muitas vezes e reparo que toda a região minhota, desde Viana do Castelo a Braga, é pautada pelos recursos hídricos, mas a história e os acontecimentos lendários não se resumem ao estado líquido. Querelas e conflitos militares sobre outros tópicos assentaram arraias neste mundo encantado verde, e, em Ponte da Barca, muitos desses momentos tiveram o cunho pessoal das almas romanas caídas na margem do rio Lima.

Uns desses marcos na história barquense deu-se em plena Guerra da Restauração, nomeadamente na aldeia de Lindoso, claro está fronteira com Espanha e propícia para a entrada de soldados espanhóis, e alguns portugueses aproveitaram para atacar povoações espanholas, sendo que, nesta mesma freguesia, viu-se um combate entre as duas nações, apesar de Portugal ainda se encontrar dependente de nuestros hermanos, algo que acabou com a instauração da independência, sendo que os nossos romanos conseguiram ajudar em nosso favor, nomeadamente com recurso ao célebre Castelo de Lindoso. Por falar nesse tipo de construções, existem umas ruínas históricas na aldeia de Sampriz que tem sido revitalizado em prole da sua importante história: o Castelo da Nóbrega. Este local foi marcado pelas funções de defesa do reino português, chegando mesmo a acontecer escaramuças, como contou António Matos Reis num livro sobre Ponte da Barca. O que ele não sabia é que elas contaram com a ajuda de almas do outro mundo.

Contada a história das almas que se encontram nas sombras da cultura barquense, só é possível dizer uma coisa: Ponte da Barca, e mesmo a região do Minho, vive nas sombras da memória.

SEGUNDA EDIÇÃO
1º CLASSIFICADO - SÓNIA EMÍLIA VEIGA ROSSA

O TRÍPTICO DE ROSSAS

O TRÍPTICO DE ROSSAS

Sónia Emília Veiga Rossa

Os dias passam, os anos contam, os filhos crescem, os pais envelhecem, e aquela cozinha mantém a sua identidade, num espaço que atrai como íman os olhos da família e de quem ali entra, recorda ou circula.

Na sua panorâmica, emerge a lareira à esquerda - com o seu mármore fumado das queimas e do borralho das histórias, a masseira à direita - onde agora se guardam os cavacos e jornais velhos para a fogueira, a mesa das refeições ao centro – com o napperon e a fruteira de barro lascado, o relógio de parede em cima da porta de entrada, a banca sempre pronta a receber, o guarda-loiças - onde se misturam pratos e copos de várias etnias e épocas, e o fogão, encimado por um friso de talheres (agora de metal, que os de pau foram atirados para uma gaveta, onde a colher ainda é a velha matriarca – para não dizer monarca - quando o assunto é dar sabor) e temperos em forma de mise en place à distância de uma mão. E novamente a lareira, branda e inverneira, com o seu pote de ferro fundido, quase centenário e ADN da casa. Lá atrás, a grelha e o tacho amolgado para assar castanhas, agasalhos do tempo frio. Ao lado, numa nesga de espaço ladrilhado, uma cadeira que de branco já tem pouco, com a sua pele derretida e enegrecida pelo calor das proximidades, resistindo heroicamente com apenas um dos seus quatro parafusos, instável, sempre a querer folgar mas ao mesmo tempo ficar por nunca ser substituída ou arranjada. Confortável e aconchegante, permite descansar os braços ou até os pés mais cansados nas artérias da própria masseira. Em cima desta, um quadro. Melhor, um tríptico de madeira, moldado na decoração, gasto pelo tempo e pela imaginação.

É uma cena de cozinha. Passou a sê-lo depois de ter sido pendurado e encaixilhado nos azulejos desta área. Estilos e gostos à parte, contém frutas, legumes, animais e uma banda de música. O enredo não é uma mesa de jantar com fartas travessas e vasilhames em dias de domingo. Não são fruteiras, loiça figurada nem episódios agrícolas. Não são festas, feiras nem romarias populares mas uma paisagem da verde e granítica terra minhota.

Na mais estranha das composições aparecem dois cães, um boi, uma lampreia, uma maçaroca de milho, uma laranjeira, um galo e uma banda de música. Da maçaroca não se sabe muito, pois, está guardada num campo comunitário de espigueiros colocado no sopé da serra. Ao centro, protegidos por uma laranjeira, os dois cães, como que de guarda do tríptico - parecem ser um Castro Laboreiro e um Perdigueiro (ou um Podengo?) portugueses. Ao fundo, no painel da direita, um boi barrosão verdejando como que a olhar para um carro de bois estacionado perto, quase que a sair da mira do quadro. Na ala da esquerda, um riacho feito Homem de onde salta uma lampreia a piscar o olho para quem a observa. No cimo da colina, um galo que afina o seu dó-ré-mi pelo diapasão da banda de música que surge ao fechar destas duas portadas. Afinal, o que se passa? De um momento para o outro, as portadas mantiveram-se fechadas e por instantes...

O tempo parou.

Um estrondo pirotécnico, daqueles de Lanhelas, fez-se ouvir.

De seguida, percebe-se:

- É agora! Chegou a hora: vamos!

Era o boi barrosão, irrompendo pelo quadro fora a grande velocidade, decidido, como que a fugir da espetada do Brutus, inspirado pela Maria da Fonte, atrelado no seu carro, cartando consigo os dois cães na dianteira, meia dúzia de laranjas sumarentas e de casca fina numa cesta de vime, a maçaroca de milho, por tímida que era, embrulhada num pano de linho bem ripado, a lampreia, trazida à pressa num alguidar de barro de arroz de forno, com a sua forma ondulada, fugindo das pesqueiras do rio Minho – candidatas, há pouco, a património imaterial; o galo em cima de si próprio, com as coordenadas do GPS no punho da pata e em riste e a banda de música atónita e desafinada, acompanhando a fuga.

Não aguentavam mais. Saíam ao final do dia, no meio do nevoeiro húmido, das veigas já com geada, inculpados e descuidadamente, arrancando-se ao seu destino, em cada passada, sem olhar para trás, num (des)vínculo afetivo, de descoberta e introspeção. Não eram mal-educados nem mal-agradecidos pelos tempos ali vividos, mas faziam caretas infantis que lembravam a cachorrada de cócaras da Igreja Matriz de Caminha. Queriam sair do quadro, regressar às raízes, reinterpretar a sua estória, e não apenas uma cena de um quadro baço e esquecido nas paredes. Também almejavam ser eternizados em loiça de barro vidrado – como o dragão embalsamado da lenda d'A Coca - mas uma coisa de cada vez.

Lá longe, num tom de carvalho em fundo de azulejo de cozinha, fungando copiosamente, agastado para o lado, como um pano em branco, amarelecido, vazio, triste, só, usado, ficava a tela monocromática. Esta, via a nova cena em fuga e aprovava. Desajeitada, com a moldura aguardava, ou não, por eles. Queria também partir mas os anos pregado àquela parede bloqueavam qualquer grito de Ipiranga ou cantar de galo lendário. O ato de bravura era ficar e a cozinha precisava deste ornamento, veste deste compartimento, marca desta gente minhota. Muitos foram os saídos para a diáspora. Estes e aqueles, os emigrados e os ficados, todos tinham de continuar, sazonalmente ou a tempo inteiro, a sua missão de *estimular a qualificação e a diferenciação da lembrança, da tradição, da oferta e da promoção* e não só. Prestar apoio a iniciativas e empresas inovadoras como esta, liderada pelo boi barrosão, ao som da banda de música, quiçá de Vieira do Minho e de Vilarchão, era agora o mister do tríptico, maestro deste conto. Isso significava "Amar o Minho"! O seu ninho. Numa aproximação à sua Identidade.

O roteiro passava por Castro Laboreiro (cão 1), Soajo (maçaroca de milho), Parque Nacional Peneda-Gerês (para tomar um chá dos raminhos e flores secos do hipericão com mel), Santa Maria do Bouro (meia dúzia de laranjas sumarentas de casca fina), Barcelos (galo), rio Minho (lampreia), cruzando S. Bartolomeu do Mar (para curar as doenças dos animais num banho santo e levítico, depois de uma temporada nas termas de Caldelas, as mais conhecidas do Norte do país). Paragem obrigatória no Bom Jesus para abençoar estas personagens e acender uma vela – como sempre ouvira dizer -, seguindo para São Miguel de Seide e depois, Fonte Arcada, Guimarães (origem das origens), para terminar em Rossas – a sede da pintura.

O boi barrosão não sabia bem qual a sua origem já que iniciou a sua expansão como recurso endógeno deste território, podendo ser do Alto Minho, do Ave ou até do Cávado. Era do Minho IN. Era do mundo! Era património mais do que proteína. Era também um poeta que bordava lenços de namorados e por isso queria fazer uma paragem na casa de Camilo para uma mini residência artística. Não era muito coquete, mas apreciava os trajes que desfilavam na Festa de Nossa Senhora da Agonia. Aquele corpete… para ele um espartilho, mas vaidade bovina não tem dor. Se não fosse tão encorpado e rústico e

de pelo encrespado gostaria de entrar para o rancho folclore de Viana e ostentar aquele ouro todo no seu dorso e orelha (à estilo "Vaca que ri" dos queijinhos triângulos)!!! Ah, a vida que sempre quis…

Como fuga desorganizada que era, não havia fio condutor nem geografia conhecida ou ordenada por ordem alfabética. Autoestrada de terra batida, partiam em mil pedaços para depois se reunir em um: Rossas de seu nome. Somos o que somos pelo que também procurámos e este conhecimento revitaliza estas e outras gerações transformadas numa nova narrativa do Minho que se vai atualizando nas suas gentes, nas suas casas, nas suas tradições, na sua história, nos seus estados de alma, no seu património material e imaterial – tudo aqui em potência, tudo em risco de desaparecer e ser completamente substituído, ainda que o corpo seja o mesmo, se não se sair do quadro. A gramática do Minho dita o caminho pois para se conseguir ver mais longe há que estar aos ombros dos gigantes e aqui, se se veem moinhos, são os de vento da Abelheira; mas se se veem gigantes, são Gigantes a olhar por e para nós, no baloiço do Mezio, em Arcos de Valdevez.

Passados longos dias, chegavam a Rossas. Hesitaram no Vilar da Veiga, digna de uma nova temporada da Guerra dos Tronos mas Rossas, ganhou e fê-los continuar caminho, depois de um rápido isolamento em Covide.

A maçaroca de milho, já sem o seu folhelho, atingira a fase adulta, caindo-lhe o manto. A meia dúzia de laranjas sumarentas e de casca fina, já tocadas e uma prestes a tornar-se em sumo, chegavam fora da cesta, livres e autónomas, quase descascadas. A lampreia, quase em águas quentes, pôs à prova a resistência do seu barro, em forno de céu aberto, tendo entornado, evaporado mas não partido. O galo, mesmo morto de cansaço, continuava a cantar, afónico, ao mesmo tempo que, de luneta no nariz, míope, coordenava o caminho, com mira na pata e na tripulação. A banda de música chegava desmembrada, tendo parte dela ficado com o amigo Alvarinho mas não tardavam a recompor-se, depois de um bom jogo do pau de Cepães e dua solhas secas, três Petingas ou quatro colheres de Barrigas de freira. Os dois cães dividiam a responsabilidade, vindo agora nas traseiras do grupo a motivar e a guardar – a fuga tinha sido um regresso. O boi, o próprio que nem sabia que faltava neste parágrafo (!), de barrosão via-se agora como raça Chacena, alucinando que virara carne de textura suculenta, acompanhada de arroz de feijão "Tarrestre" arcuense, queijo de cabra de produção local e de laranja de Ermelo, num prato atulhado com rumo ao dente afiado e apetite devorador de alguém. Voltando a si, tinham conseguido: Rossas. Chegados, pisavam terra como que aterrados em Marte - ei-la. Ao longe, miragem de uma ilha dos amores perto de si: a Candosa!

Banhos e repastos à parte, fazem jus ao provérbio: "Im piquiena casa, se come munto se o haubéi" e ala que se faz tarde no cumprir desta empreitada.

Reza a história que havia nesta antiga vila, um mosteiro. O tríptico seria originalmente daqui, tendo chegado à casa e asa minhotas sem se saber bem como. Saiu de Rossas mas nunca Rossas saiu de si. Por isso, uma vez aqui, bateu saudade e era vê-los aos animais, legumes, frutas e outros seres, realizados mas novamente incompletos. Esgotados, começaram a carpir como se não houvesse amanhã, agoirando um dilúvio bíblico, sem razão nem ação. Perdidos nas suas raízes e a questionar a sua identidade, estavam desmemoriados e cegos. Passados sete dias, valha-lhes o canto do sável que trazia consigo uma batela do Minho nas águas translucidas e férteis de alimento e criação. No seu interior, algo respirava, ofegante, solitário, chamando por eles, atraindo-os para si, como a sua última incumbência.

Foram ver.

Primeiro, a lampreia que de um salto mergulhou nas suas águas, desaparecendo de vista. Seguiu-se o boi barrosão, com o galo em cima, a boiar. Depois os dois cães em forma de parelha. A maçaroca de milho a estoirar em pipoca murcha tal era o frio que sentia. As laranjas a flutuar na cesta, remando à velocidade de um espremedor de citrinos. Por último, a

banda de música que peça a peça, corriam uma pauta ao mesmo tempo que mergulhavam, um a um, nus, sem vergonha num reencontro sem fim.

Era o tríptico! O quadro. A pintura esborratada. A tela evacuada e solitária. A moldura desenculatrada, com síndroma de ninho vazio. Em Rossas.

O encontro, épico.

Os olhares, a emoção entre tela, elementos e moldura – três em um. O sangue minhoto fala mais alto. As portadas regozijam de felicidade. As cores voltam como das primeiras pinceladas e o tríptico de Rossas renasce. Afinal, os animais, os legumes, as frutas e os outros seres, estavam completamente realizados mas… O quê? Porquê mas?...

De olhos enxugados, em tom de balanço, faltava o cumprir do último desejo: o transformar-se em loiça vidrada. Olharam uns para os outros e questionaram tal projeto. Não se lembravam do motivo de tal sonho. Sabiam que era a fantasia de umas cerejas que em tempos tinham residido na fruteira da mesa do centro: cristalizar-se em barro vidrado. Não propriamente a deles. Não havia mal nenhum em ser um tríptico, um quadro, uma natureza viva, uma pintura, uma ideia, uma paisagem minhota numa parede de azulejos de uma cozinha e casa tradicionais.

Para conhecer o quadro é preciso sair dele e assim o fizeram os seus constituintes. Agora de regresso, em equipa, alegres e bem-aventurados, em direção às suas paredes, mais ricos e retemperados, prontos a passar palavra à fruteira da mesa de barro lascado, ao napperon, ao friso dos talheres de metal, ao relógio de parede, ao pote de ferro fundido…

Hoje, aquela cozinha renovou a sua identidade e sentido de pertença num mesmo e novo espaço que atrai como íman os olhos da família e de quem ali entra, recorda ou circula – os *Novos Olhares sobre o Minho*.

SEGUNDA EDIÇÃO

2º CLASSIFICADO - JOANA MIRANDA GRAMOSO

PRISIONEIRA DO MINHO

PRISIONEIRA DO MINHO

Joana Miranda Gramoso

I

Rompia a manhã de 18 de setembro de 2006. O outono ainda não espreitava e o calor, aquele a que o sol das Marinhas nos habituou, era quebrado pela leve brisa que só quem aí vive sabe e sente, de tão característico que é. Os donos da ironia mais mordaz apelidam-lhe, comummente, de "ar condicionado natural", outros defendem, de forma acérrima, que até o vento deste clima ameno e constante, ao longo do ano, se compraz para fazer daquela que é a maior freguesia de Esposende um verdadeiro cartão-postal entre o rio, o mar, a montanha e a felicidade.

Um cafezinho no estabelecimento do adro dava o mote do "rumo à cidade dos arcebispos". A cidade mais antiga do país - a bela Braga - esperava-me para aquela aventura por que todos os jovens anseiam. Fazer-me "gente" implicava sair do aconchego do que nos é conhecido…e dizer "adeus"! Dizer adeus aos pais, ao senhor Franklim do café do adro, aos amigos da rua, à simpática senhora do posto de gasolina, às conversas no autocarro, às caminhadas noturnas, e aos velhotes da petanca[1] que, num sorriso de ânsias para 'queimar' um pouco do seu (muito) tempo, nos lançavam aqueles agasalhados "bons dias" quando por eles se passava. Tudo nos lembrava que deambulávamos por nossa "casa", ainda que fora das 4 paredes. Dizer adeus, também, tanto aos belos passeios à beira-mar num dia de verão, como às caminhadas a cheirar a terra molhada bem lá na montanha e mais perto do céu, onde abríamos os pulmões a um oásis de cor verde. Dizer adeus a um lugar de gente humilde, mas empreendedora, onde a evolução não lhes rompeu as origens e que, numa bolha de conforto, compõe o elenco de um sedutor e irrebatível convite para se viver por cá.

- Anda Rita, está quase na hora e ainda temos que descarregar as coisas no apartamento! - Era a voz de quem esteve sempre do meu lado nos marcos mais importantes da vida, o meu pai, que me relembrava o passar das horas enquanto que, inesperadamente, todo este cenário de melancolia e pré-saudosismo me quebravam a alma, como jamais previra. De um só trago e a queimar-me as entranhas, terminei o café, como em muitos dos dias em pé, ao balcão, enquanto folheávamos os jornais ou o boletim[2] da paróquia, sem dispensar as boas novas do Sr. Franklim que, num frenesim entre o café e a venda[3], não deixava pelo caminho a sua constante simpatia e malandrice. Até ele estava a medos por mim, mas lá fui com uma sua piscadela como quem diz «Boa sorte Ritinha!».

[1] Jogo de origem francesa, praticado ao ar livre, pelas ruas de aldeias e pressupondo o lançamento de bolas metálicas, cujo objetivo é ficar o mais próximo possível de uma bola de madeira. Acredita-se que foram os emigrantes das aldeias que trouxeram o tradicional jogo para as aldeias portuguesas.

[2] Espécie de folheto informativo de âmbito religioso, tradicionalmente colocado nas caixas de correio dos paroquianos, onde consta a calendarização de missas, comunicados da paróquia, horários de catequese, óbitos da semana e informações gerais da freguesia.

[3] Denominação do pequeno comércio, antigamente; comercialização de produtos de primeira necessidade, localizados em pequenas aldeias.

Ao entrar no carro do meu pai, apercebo-me de dois detalhes triviais que só quem está na iminência da perda e/ou privação se pode dar conta: a primeira, é que este amoroso espaço se dava pelo nome de Belmar e que, ao fim de tantos anos, desfragmentava aquele *naming* e o seu propósito: "Belo Mar!" «Que giro e que verdade», pensei! A segunda, era pela janela daquele carro que me assolava a real perceção de que não ia poder estar ali as duas ou três tardes por semana, a jogar a bela da sueca, com todos aqueles velhinhos que tão bem me acolhiam, desde pequena. Sim, não há duas sem três, e agora via-me a sorrir com a introspeção do quão felizarda era, por cedo ter aprendido o virtuosismo de saber estar com o senhor Eng.º ou com o humilde senhor da obra, do café, ou dos campos, porque nesta minha terra há decoro no trato, há sorrisos e compinchas. Há vizinhos amigos e alcunhas para todos. Não há títulos, mas honra.

Mas por que raio me estava a custar tanto?! Afinal, Braga era "só" maior que Esposende, e míseros 50km distavam a real possibilidade de vir matar qualquer crise de saudades. Para já, a missão de iniciar um curso de Comunicação Social e honrar o "investimento" dos meus pais, que viram na sua longa vida de trabalho, desde tenra idade, essa hipótese lhes ser negada, era o motor de toda a coragem!

Braga estava para lá de quente. A sensação térmica em nós fazia-nos sentir debaixo de uns tórridos 35°C, próprio de quem vinha habituado a se refrescar com a natural brisa do mar. Descarregara todos os pertences necessários à sobrevivência da primeira semana de uma caloira e, como que inspiração, regozijava-me pelo facto de a janela do meu quarto me transportar à imponência do Santuário de Nossa Senhora do Sameiro. De facto, estar em Braga acalmava-me…estava ainda no meu Minho. Um Minho que, pese embora eu tão jovem, já me aquecia o coração e espelhava um outro misticismo, tão similar ao das Marinhas de Esposende.

Braga era-me sinónimo de belos jardins e templos. Recordava as fotos em criança na escadaria e lago do Bom Jesus do Monte, sem esquecer a estrada "mágica" que, naqueles tempos, fazia as delícias das crianças "detetives" que viam algo de transcendente e enigmático naquele processo macabro de um carro se movimentar sem ninguém ao volante e, ainda por cima, de marcha atrás[4]. Assim, lembrei-me de levar uma das melhores recordações de Braga, para esta nova Braga! Afinal, as fotos e as músicas sempre me levaram a viajar por situações e momentos e, cada uma delas, conta uma estória… [Oh, e como eu sou uma *Storyteller*…!] ou vão-me dizer que não têm um retrato a preto e branco *"à la minute"*[5], em cima do cavalo de madeira, ou simplesmente a pé, tirado e revelado em água pelos senhores das caixas de madeira, em frente ao Bom Jesus ou a Santa Lúzia?! Eu cá tenho, e têm os meus pais, e quiçá os meus avós…e todas a preto e branco! Porque as tradições não se perdem na voragem do tempo antes, o Minho, enaltece-lhes a importância da sobrevivência aos anos e a elas se lhes dá continuidade e reconhecimento.

[4] Rampa que liga o Parque do Bom Jesus à estrada nacional e leva de volta à cidade ou ao santuário do Sameiro. Efeito de "ilusão" de o carro andar sozinho, quando colocado em ponto-morto, parecendo estar a descer até ao cruzamento quando, na verdade, estamos a subir na sua direção.

[5] Fotógrafo ambulante que exercia a sua atividade nos espaços públicos como jardins, praças e feiras. Teve um papel importante na popularização da fotografia a preto e branco, nos inícios do séc.XX, tiradas com a máquina-caixote, e reveladas em água.

Mas Braga não era só a mais antiga Cidade cristã, ou da famosa Sé, da grandiosa Semana Santa ou até da Roma portuguesa…isso seria ver "Braga por um Canudo"[6], e a cidade que me acolhia era isso tudo, mas muito mais que isso, também! A capital do Minho era me relatada como sendo genuína, autêntica, de gente jovem e, cima de tudo, muito feliz! O irmão do meio, no ano que me assumia como caloira, via o seu ciclo de estudante universitário terminar. Orbitávamos em dois estados de espírito antagónicos e nele já via outro tipo de saudosismo distinto do meu: ele preparava-se para viver o seu último ano numa cidade que já dele fazia parte. A mim, custava assimilar que me iria desconectar da cidade que gritava ser *"Esposende, um privilégio da natureza"*[7], mais propriamente as "minhas Marinhas". A ele, era-lhe visível o sofrimento por antecipação e já falava no seu último ano com pesar. Braga já o tinha tomado. Será que comigo seria igual?! A pergunta era retórica, dadas as minhas expectativas de seguir o rumo do poderoso curso de Comunicação Social e ir para as cidades "onde tudo acontece", seja nas redações de importantes Jornais, seja nas estações mais conceituadas de televisão! Porto ou Lisboa, inevitavelmente, o futuro passaria por aí, e a Universidade era só o caminho de preparação para o destino final!

II

«Bem-vindos à melhor Academia do país, bem-vindos à U.M!» Um arrepio rompia-me a espinha, quando ao microfone se ouvia o início da frase e que, em segundos, se ecoava pelos quase 4mil caloiros. A receção era feita pela reitoria e a Associação académica, daquela que havia ganho o *ranking* de melhor universidade do país naquele ano, e eu sentia-me a emanar adrenalina e orgulho, por todos os poros da minha pele. Era o calor, o nervoso, o sentimento de pertença a uma grande instituição e o concretizar de uma das muitas metas de um jovem adulto, e mais o medo, o belo do medo do desconhecido. Eis que me começo a sentir digna daquela "casa", daquela cidade, daquelas pessoas e de toda aquela vitalidade, quando outro arrepio me faz "xeque-mate" ao som do Hino da Universidade. Recordo que aquele coro misto a 4 vozes tiveram o seu apogeu em mim, quando nos seus picos lembravam que "(…) *estes anos são viagem, Entre a água e o acontecer* (…) *Um amor de mar e margem, Na euforia de viver* (…)". Tão verdade! A viagem começava agora, uma muito mais complexa que meros 50 km's.

Caderneta de caloiro ao pescoço, davam-se as primeiras conversas com os quase 80 colegas de curso. Vinham de todos os cantos do país, inclusive madeirenses e esses sim, cortavam muitas mais amarras que eu, aquela bairrista que, ao terceiro dia, já sonhava com a brisa do vento de que tantas vezes se queixara mas que, naquele calor infernal, tanta falta já fazia e lá vinha a verdade dos clichés… "damos mais valor às coisas, quando não as temos!" . [Mas que raios, era de mim ou todos aqueles ditados que em 18 anos fui ouvindo, ora da mãe, ora dos conterrâneos, estavam agora a ter aplicabilidade?!]

[6] Expressão que significa criar expectativas sobre uma coisa e depois ficar "aquém" das mesmas; perspetiva redutora de algo. Deriva do telescópio localizado no Bom Jesus que permite observar a cidade, ao longe.

[7] Slogan com que a cidade se apresenta, fazendo alusão à forte ligação com a natureza.

Das coisas da vida que não se explicam, talvez a empatia, o acaso e o sorriso, queiram ter aproximado uma Rita de Esposende, de uma Cristina de Viana do Castelo, uma Elsa de Vila Verde, uma Daniela dos Arcos de Valdevez e uma Carolina da Madeira (que, tão rapidamente, e outra vez cliché, havia sido apelidada de "Madeirense").

Perfilávamos sempre ao lado umas das outras nos dias de praxe e, num ápice, da praxe passou a ser também "lado a lado" que levávamos a vida académica, fosse nas salas de aula, nos cafés, e até nos passeios, em descoberta da cidade.

A empatia geral entre estas 5 personagens era genuinamente transversal entre todos, sendo que, apesar de sermos imensos e ainda juntarmos nesta equação a relação de praxe aka amizade com os Srs. "Doutores" que nos praxavam, os dias seguiam com intensidade e as emoções ao limite. Assisti de tudo, e com complacência vi vários colegas sofrerem pela distância dos seus entes queridos, outros por inadaptação outros, simplesmente, por estarem a viver algo que não correspondia às expectativas. Observava a logística de outros tantos que, achando ser mais económico ir e voltar diariamente para as suas terras, poupavam em euros e hipotecavam-se em exaustão. Sentia-me privilegiada, admito, ao testemunhar algumas desistências desta prova da vida. E aí, na minha faculdade apurada de reminiscência, lá viajava eu, nas analepses e prolepses dos meus pensamentos.

De facto, somos o fruto de várias somas da vida e naquela cidade, aos 18 anos, comprovava o resultado da soma da educação, experiências e ensinamentos, que a minha (ainda pequena) "bagagem" da vida carregava. Ali, na nova Braga, realizei a importância disso e agradecia.

Agradecia à minha infância: no seio dos rapazes, na audácia de ser a mais nova e de me ter de afirmar perante eles para poder fazer parte do grupo, poder jogar futebol (ainda que sempre a ir à baliza) e, em muitas dessas lutas (por vezes inglórias), e em tenra idade, ter de possuir o artefacto da argumentação e da resiliência, que muitos graúdos hoje não têm! Aqui, no coração minhoto e noutra realidade da vida, senti que o que nos é cultural nos acompanha sempre, e onde eu cresci, fui privilegiada com uma educação de rua, de liberdade, com o correr na praia, o mergulhar fora do verão, ou até o escalar do alto monte para desfrutar da calma de um miradouro como o do Castro de S.Lourenço[8], numa visão impetuosa sobre o litoral de Esposende, desde os campos agrícolas ao extenso areal das várias praias. Agradeci por, durante estas peripécias que se viviam a pé ou de bicicleta, no palco daquelas cangostas[9] e aldeias de um Minho rural, ter criado a robustez de quem não tem medo da lama, a raça e o desembaraço perante as adversidades, e o perfil de alguém que sacode as lágrimas e o ranho com a manga da camisola tão rápido, que só os próprios os viram!

[8] Um dos pontos mais altos da arriba fóssil, numa linha que separa a planície litoral dos primeiros relevos mais a nascente. Ponto privilegiado de onde se apura o olhar sobre a bruma atlântica, em todo o redor.

[9] Ruas estreitas e sinuosas no linguajar mais comum dos antigos e perpetuada até aos dias de hoje, maioritariamente, pelos habitantes de aldeias.

Desculpem. Desculpem os demais. Mas crescer no Minho não é o mesmo que crescer fora dele. Sem ser melhor ou pior, crescer no Minho é crescer-se na ingenuidade, na luta e na honra pelos nossos e por nós mesmos! É ter o coração na boca e andar-se em permanente excursão por lembranças e estórias que passeiam nas nossas mentes. É inspirar o verde das colinas como que o azul do atlântico. É preferir os tascos a estrelas *Michelin*, porque neles se pratica uma cozinha de músculo e com o prato vem o sorriso aberto e a humildade de um amigo, disfarçado de servente.

E tudo isto me estava a servir! Não estranhei pessoas e senti que vingava o propósito do curso, todos os dias. Era para lá de social, ao mesmo tempo que introspetiva, no sentido analítico da experiência. Tudo era contemplável. Porque tudo partia das pessoas. E a minha educação era essa: a das pessoas.

A praxe não me estava a ser dura, pelo contrário. Sentia-me em vantagem por ter a bagagem certa para aquela fase da vida de caloira.

- Olhos no chão! - Ouvi o grito e obedeço. Afinal, a U.M tinha um código de praxe exímio, e a segurança de que havia limites bem balizados, não me permitia ter medo. Pelo menos a mim. Até que oiço o som, bem mais perto!

- Então a caloira, em seis opções para tentar entrar no Curso de Comunicação Social, coloca as seis em Braga, preferindo arriscar em 6 cursos diferentes…desde que estivesse por aqui?!

Congelo. Apercebo-me que estes Srs. "Doutores" se haviam munido de toda a informação acerca destes 80 (inexperientes) viajantes. E de facto era verdade. Visto assim, parecia que não tinha amor ao curso, mas a Braga e à Universidade do Minho. Na verdade, tinha uma média confortável e sabia que entrava na primeira opção. Nas 5 restantes, não coloquei o mesmo curso no Porto, ou em Coimbra, Lisboa…mas foi a segurança a falar…ok, ok, e a vontade de ficar perto de casa!

- Gosta mesmo deste curso caloira? (compasso de espera) à vontade para responder!

- Eu gosto mesmo do curso, e sabia que entrava. Gosto da Universidade, de Braga e estou perto de Esposende!

Do outro lado a resposta é curta e num tom colocado para todos os outros encapados pretos e caloiros ouvirem, oiço: - Está batizada!!! Esta é a caloira *Esposes*! E temos casa no verão!

Ainda de olhos no chão, percebi que anotaram o meu novo *nickname* e que todos teriam um. Entre eles, ironizavam o amor à "terrinha" e à sua proximidade com a universidade, que se sobrepunha ao amor ao curso! Não era tudo verdade, mas tinha um pouco dela! O amor ao curso, tinha tempo para o provar. Agora impunha-se desfrutar cada momento.

III

- Já viste os trajes?! Nada a ver com os do Porto Coimbra ou Lisboa. Parece do tempo das guerras e o tricórnio parece coisa de realeza! - Dizia a Madeirense, quando nos encontrávamos todas na sala de estar. Sim, por entre trocas e baldrocas, tinha conseguido que todas arrendassem um quarto no apartamento onde já me tinha instalado nos inícios, em regime de arrendamento ao quarto. Estávamos todas juntas, arriscando na intuição de umas duas semanas de convívio.

Para a Madeirense Carolina tudo era uma novidade. E pelos "olhos" dela íamos nós, de Portugal Continental, apreciando e refletindo sobre o quão sui generis certas coisas eram por ali. Rompia o mês de outubro e tínhamos a receção ao caloiro em Guimarães, polo da mesma universidade, mais virado para as engenharias. A "latada" fazia-nos percorrer as ruas da cidade berço, e em frente ao castelo que escreve "Aqui nasceu Portugal" cantamos o hino do curso até a garganta não mais poder, exibindo a nossa faixa de curso e pintados pelas nossas cores. Assim fizeram a mais de meia centena de cursos. Víamos

e ouvíamos populares, que de máquina armada registavam os momentos. O cortejo tinha feito parar a cidade. Milhares de estudantes, cânticos, exaltações patrióticas, tambores, cornetas, fumos, "desafios de curso", latas e carrinhos de compras adaptados a uma imaginação que só me recordo de pensar "isto é o fim do mundo…".

A união do bloco aconteceu neste dia. A noite de concertos ainda na cidade de D. Afonso Henriques fortaleceu o tal sentimento de pertença. À noite, na nossa casa, e com uns copitos a mais, decidimos criar um blogue (sim, naquele tempo, não sabíamos o que era *Facebook* ou *Instagram*), onde descreveríamos as nossas aventuras por Braga, sob a perspetiva de cada uma nós. Seria o nosso diário tornado público, e talvez fossem as doses de cerveja (que até então não sabíamos que gostávamos) que nos estivesse a fazer fervilhar a ideia e, no dia a seguir, a ressaca lá nos faria ganhar tino. Mas meus amigos, não é estudante quem não admitir que são estas noites as mais genuínas. Acordamos a lembrar que tínhamos até chorado e feito promessas de amizade com as emoções ao rubro e sentimos alguma vergonha, confesso. Mas o blogue ficou e, nessa mesma tarde, ao final das aulas e enquanto cozinhávamos, de punhos no computador, dá-se o *brainstorming* e nasce o *"5 ao Minho!"* Só nós sabíamos que queríamos transmitir a espécie de um "ataque" generoso à província.

E assim foi, escrevíamos tão devota e freneticamente naquele blogue, quanto frenética e devotamente absorvíamos TUDO do que a experiência podia dar. Íamos a praxes, passeios, atividades e furávamos algumas aulas, sem comprometer o aproveitamento – Bah, estudante universitário que é estudante universitário, falta algumas boas vezes neste primeiro ano!

Tão depressa a vida avançava que de parceiras desta aventura começamos a criar elos bem familiares, e ligações que não se esquecem. Recordo o dia em que arrumámos o carrinho de compras que tínhamos trazido "emprestado" do Feira Nova (atual Pingo Doce) e que tinha se deixado ficar por lá por nossa casa, com algumas placas de transito em cima, porque os pais da Daniela dos Arcos de Valdevez nos iam visitar a um sábado, num fim-de-semana que tínhamos ficado por lá a estudar para exames.

Nesse dia, almoçamos todos juntos, e fomos mostrar Braga, como se fosse nossa. À noite, a nossa ligação tinha-se fortificado e a Daniela escrevia sobre isso no blogue, de uma forma que me fez cair uma lágrima nos lençóis, quando "lia" a sua gratidão, pelo silêncio da noite.

Recordo que, no 2º ano de curso, a Madeirense não podia ir passar o Natal à Madeira por questões financeiras. Estávamos numa das belas quartas académicas, quando a vilaverdense Elsa, já com um copito a mais, abraça a Carolina e diz:

-Já falei com os meus pais e tu vens passar a consoada connosco e não aceito um não!

Nós, as restantes 3 da grupeta, não emitimos nenhum som. Como se diz por aqui, encavacadas de emoção. - Não comemos peru como tu lá na Madeira, mas tens uma bela posta de bacalhau à tua espera e muita animação à mesa!

A Carolina era simples. Mas imensamente saudosista, também. Muitos foram os fim-de-semana que a Elsa, a Daniela e a Cristina se tinham ficado por Braga, à vez, para não a deixar sozinha. Já eu admito que fui a que fiquei "de menos". Esposende era-me preciso, e muito nova interiorizei que no meu futuro tinha de caber a missão de zelar pelos meus pais, como eles zelaram por mim. E como podia zelar criando distâncias?! Alimentando-as, não aproveitando todos os pequenos momentos "vestidos" de oportunidades para isso?!

Entre o peso na consciência de não me permitir fazer companhia à Madeirense, em muitos dos seus tenebrosos fins-de-semana só consigo mesma, naquele apartamento tão contrastante entre o corridinho de domingo a sexta, e o silêncio sufocante nos dias fora destes, surge-me a brilhante ideia, ao 3º ano de curso; bem ao jeito de quem se apieda de emoção própria de uma bênção de finalistas, faz-se forte a promessa:

- Certamente tomaremos rumos diferentes, mas vamos prometer hoje, aqui e agora, que todos os anos, pelo menos uma vez por ano, faremos um almoço/jantar na terra de cada uma, e todas têm de estar presentes!

Anuíram que sim, em uníssono lacrimejante! Se bem que o meu desafio só em mim tinha segurança. Sabia que queria ficar por perto…já elas, aguerridas numa luta à escalada profissional, sonhavam ir para Lisboa, a Cristina de Viana do Castelo para Londres, até! Ela e a Elsa ambicionavam ser jornalistas de redação, e vinham dando provas de serem factuais, precisas e audazes o suficiente para deixar barcos e remos em busca do objetivo. A Madeirense e a Daniela dos Arcos de Valdevez, mais contidas um pouco, sonhavam alcançar algo na área dos audiovisuais. Sobrava eu, Rita, que embora fosse a idiota – das ideias – lá do grupo, a sentimentalista, *storyteller* e a que gostava de socializar, queria algo abrangente e tinha escolhido a área das Relações-Públicas, sem rumo algum, só com a cabal certeza de querer vingar sem deixar "barcos e remos", tal e qual uma boa "marinheira", de uma terra de mareantes, impunha-me não deixar os meus!

Será que esta forma de olhar para o futuro, tão agarrada às raízes, iria hipotecar a vida desta filha do Minho?!

IV

Volvida a fase dos estágios profissionais, em que as "5 ao Minho" tinham conseguido fazê-lo pela zona, um caminho mais delineado se descortinava. Os almoços prometidos aconteciam e neles se falavam de como ia a vida, em conversas alimentadas pela sede de prosperar.

- Até eu Rita…até eu saí dos Arcos porque sei que na nossa área não há a mínima hipótese por cá! - Advertia a Daniela. De facto, as oportunidades advindas do curso estavam muito

centralizadas nas grandes metrópoles e já por isso, aquando da escolha da área profissionalizante do curso, tinha já evitado o Jornalismo, por ser uma verdade à *La Palice* de que só num Porto ou numa Lisboa poderia se fazer jus a uma realização plena. As Relações Públicas davam-me margem para continuar por estas bandas, numa boa empresa ou entidade que acreditasse no poder da Comunicação. Do pensar ao conseguir urgia fazer acontecer. - Não seguiste Jornalismo e és a que melhor escreve de todas nós, com receio de seres uma Jornaleira![10] - Troçava a Elsa, a primeira a firmar contrato na admirável RTP.

A pressão dos almoços que decorriam, religiosamente, pela terra de cada uma ora com ora sem a Carolina, que trabalhava e vivia em Lisboa, em videografia na consagrada *Sport Tv*, deitavam por terra a crença de que era perentório lutar, pelo que queremos que seja nosso. Coisa que me havia sido estimulada desde pequena. Talvez não estivesse a priorizar, e as tais amarras invisíveis à terra, à família e à raiz me estivessem sim, a limitar.

[10] Trabalhador pago ao dia, pela sua jornada. Remete à sociedade rural antiga e à lavoura camponesa. Formato de atividade que, embora em vias de extinção, subsiste nos dias de hoje.

A Cristina tinha seguido para Londres. Havia conseguido um emprego num restaurante, com o intuito de aperfeiçoar o inglês e, conseguido isso, tentaria a sorte em redações, televisão ou o que fosse, convicta de que tudo isto fazia parte de uma experiência global, entre vivências pessoais e realização profissional.

Segui-lhe as pegadas numa fase de angustiante cansaço. Por esta altura, já colocava em causa todas as escolhas feitas até então e revoltava-me por tantas premissas enraizadas numa fase temporã da vida. Faltava-me a coragem necessária para deixar um porto seguro e que não me estava a abrir as portas sonhadas nem, tão-pouco, uma pequena janela de esperança.

Em busca de um emprego condigno aos sonhos de outrora, fui! Fiz as malas e, em setembro de 2011, após dois anos de procura infrutífera, alentada pelas "5 ao Minho", (mais propriamente pela minha eterna caloira da cidade vizinha que já lá me prometia um teto e comida à mesa), meti-me num avião e fui em busca de uma luz ao fundo do túnel. Mais uma vez disse "adeus". Mal sabia eu que o "outro adeus" (rumo a Braga), não tinha sido nada. Na verdade, já vos tinha dito que, durante os 3 anos, muitas foram as semanas em que, por nada e do nada, fosse terça, quarta ou quinta-feira, lá ia matar as saudades dos meus, do mar, do Sr. Franklim e dos velhotes do adro?! O novo adeus repassava-me a dor por todo o corpo. As pernas estavam bambas e, ingloriamente, despedia-me da minha terra de poesia, onde o mar e o monte se beijam. A poesia pintava-se agora de drama, numa história que não sonhava escrever. Mas estoica fui; honrando a fé e o investimento que os meus pais haviam depositado naquela que acreditavam ser uma jovem de estaleca, empreendedora e sonhadora.

- **Londres dos meus 22 anos**. Assim evocarei este "episódio" da minha Estória! Londres estava frio, muito frio, apesar de ser setembro. A Cristina vivia confortavelmente num apartamento na zona 2 da cidade mais populosa do mundo, partilhado com duas inglesas e um enfermeiro português. Das moças, não sabia quase nada. Cruzavam-se, pontualmente, na cozinha e cada uma cumpria com a sua rotina sem prestar muitos cuidados aos transeuntes do espaço. Eu tinha a Cristina. A Cristina e o meu Minho, estampado no seu rosto. Comungávamos da mesma gastronomia, expressões, piadas e ideias.

Tinha levado duas dezenas de currículos e o plano estava delineado: tentar a sorte, deixá-los em tudo o que fosse passível de me dar emprego e nele, fosse qual fosse, desde que digno e capaz de me sustentar, me permitisse aprimorar o inglês e, posteriormente, conseguir lutar por uma oportunidade na minha área.

Enquanto batia a portas de lares, hotéis e lojas, ia deixando o meu currículo e aproveitava a oportunidade para explorar a arrebatada cidade. Fui a museus, paralisei a apreciar a *London Eye*, o *Big Ben* e o majestoso *Palácio de Buckingham*. No entanto, o que os olhos viam não aquecia o coração. A beleza dos monumentos eram visões vãs de sentimento e conforto. A ausência da cor, de que esperava pincelar o meu coração, vazava-se numa paleta monocromática de cinzento. O sol não cucava e o semblante das pessoas, mal se via no meio do frenesim do passo acelerado e preocupado, de olhos postos nos telemóveis ou nos autocarros de que corriam atrás.

Numa das cidades mais multiculturais do mundo, senti que era a cidade de todos, mas não para todos, não para mim. Senti, mais que nunca, saudades do meu Portugal, mais precisamente da minha cidade tocada pelo mar, do Cávado princesa, de um Esposende onde há tempo para viver. Decorriam duas semanas e neste périplo por vários recantos, sentia que viver em Londres era ter a experiência do mundo inteiro numa cidade, mas nela me sentia pequena. Entendia o porquê de lhe chamarem a cidade do nevoeiro, e sonhava com o meu verde. Na verdade, lembrava, também, aqueles que nunca partem: os emigrantes da minha terra, e entendia-os, com a sensação de culpa pelo julgamento de tantas vezes: o de encherem a nossa terra nos dias de verão, de andarem a modos na estrada, imbuídos num espírito que agora me fazia querer poder ter: o da calma, o de olhar com "olhos de ver", para a real beleza de cada detalhe, da nossa terra querida.

Viva a democracia que me permite verbalizar a inclemência do que presenciei. Vivia um Londres- tímido, tão contrastante ao lugar de onde vinha, naquele lugar onde se mora num abraço! Se isto não é audaciosamente romântico, não sei…então voltei! Num desalentado estado de espírito, voltei! Não quis esperar respostas, muito menos equacionei viver num manto de infelicidade, em prol de outra coisa qualquer. Afinal, só nós sabemos o significado da palavra *saudade*.

V

Viver em Portugal é bom, mas viver no Minho é bem melhor! É ter o coração na boca, gostar de romarias, tradições, e sossegar num bem-querer; e assim vim: chorosa, derrotada e sustida pelas ganas de matar a saudade. Não tinha vingado. Voltava em surpresa, para os braços daquilo que me era amor, daquilo que sai do que as nossas mãos constroem e o nosso peito sonha: a Família. Ironicamente, quem me tinha ido buscar ao aeroporto, eram 3 das "5 ao Minho", num ato misericordioso como quem diz "estamos aqui no voo, como que na queda estamos!". Havia lágrimas de alegria, misturadas com lágrimas de frustração. Mas estava, pelo menos, no leito de quem me entendia, e sentiu todo o processo.

A primavera trazia a beleza de uma bela celebração. Com o florescer das pessoas, a Elsa fazia brotar uma nova vida e preparava-se para casar. A Carolina tinha vindo de Lisboa para a festa do ano. Se não sabem o que é casar no Minho, lamento, porque não vos vou falar de como se faz um verdadeiro festão, em que se come, dança, se abraça, se surpreendem os noivos, muito menos falar em como homens de barba rija se vergam à emoção, e choram pelo meio de um tradicional arraial; em como nas quintas ou restaurantes se abana o lenço branco ao som do "boa sorte!", com toda a gente em cima de uma cadeira desafinando, orgulhosamente, pelos acordes da alegria. Não vou relatar, em como em Vila Verde, as 4 ao Minho assoaram umas lágrimas no linho dos namorados[11], no meio de cantares, das concertinas, do folclore, da filigrana, e do vinho verde! Ai, não vou contar!

[11] Lenços dos Namorados, tipicamente vilaverdenses e extensíveis a terras Minhotas. Remonta ao séc. XVIII. Panos brancos em linho onde as jovens raparigas bordavam, com linhas coloridas, os símbolos do amor e da natureza, quadras apaixonadas onde declaravam amor ao seu pretendido.

Após esse dia, como que um reset, recomeçava tudo: a procura e a incerteza! A Carolina por cá tinha ficado, ainda estremecida pela memorável festa de que não imaginava poder ser possível. "Bem-vinda ao Minho", vangloriávamo-nos! Prontifiquei-me a oferecer-lhe teto e rentabilizando a vida de uma desempregada, mostrar-lhe-ia os encantos da minha freguesia, cidade e concelho, de que tantas vezes fui embaixadora e que ficara de provar, com argumentos, tamanhos encantos. Comecei pela rotina que orgulhosamente descrevia e iniciamos a manhã no café do Sr. Franklim, como em tantos outros dias banais. Se podia levá-la a uma bucólica pastelaria com vista para o mar?! Podia sim, mas passei-lhes sempre a versão do meu "eu", como a de um "eu" que se construíra e construía, em modo simplicidade. Apresentei a Carolina ao Sr. Franklim. Na verdade, queria mostrar à Madeirense de que matéria somos feitos, e que esta simpatia e sorriso é-nos natural e gratuito. Sentamo-nos a tomar o pequeno-almoço enquanto lhe contava, ora a ela ora ao Sr. Franklim, o que tinha vivido em Londres e em como estava descrente num futuro que se repisava num esconderijo. Ela ouvia, atentamente, enquanto saboreava um dos nossos produtos endógenos, a famosa e secular Clarinha de Fão[12]. Relatava os episódios como os sentia, e como sensitiva que era, via-me devolvidas expressões de todos os foros: surpresa, empatia, tristeza, lamento, força...enquanto eu própria tentava não perder o norte (e a seriedade) ao vê-la lambuzada da farinha branca, daquele doce tão irresistível.

Uma vez mais, das coisas na vida que não se explicam, soubemos, minutos depois, que ao lado se preparavam também, para começar o dia, dois repórteres da Esposende Rádio, que ali tomavam o seu café.

- Meninas, estão ali dois senhores que perguntam se podem sentar-se com vocês para fazer umas questões. São da rádio e fazem parte da nova equipa! - Coscuvilhava o Sr. Franklim, entusiasmado com o recado enigmático, que não antevia objetivo concreto. Dissemos que sim. Tinham ouvido parcialmente a conversa e queriam saber mais da experiência de uma recém-licenciada da terra, que não estava a conseguir singrar e que tudo isso poderia dar uma boa crónica. Quis o destino que de uma eminente estória para reportagem, tivessem gostado da forma como lhes foi contada e passados os sentimentos múltiplos, entre altos e baixos. Terminam a conversa com uma proposta: - Quer fazer um programa à experiência?! É livre, e só tem de falar assim, com o coração, num tema à sua escolha. Aliás, pode começar amanhã, é dia 14 de fevereiro!

Não sei explicar o que senti, mas numa montanha-russa de emoções só pensava "aqui?! agora?! no café onde tudo começou e onde vim sublinhar o ditado de que "o bom filho à casa torna?! e amanhã?! Não tenho experiência nenhuma em rádio e sempre disse que rádio, jamais!!!

[12] Doçaria ex-libris de Fão, Esposende, criada no início do séc. XX., pela fangueira Clarinha, ao serviço de uma Viscondessa da Torre, Senhora de um Solar em Braga. Em 1947 é registado, oficialmente, o espaço "Pastelaria Clarinhas" sita, desde então, na vila de Fão. Até hoje, o processo de fabrico da versão original do doce é todo um segredo.

Outra grande verdade, jamais dizer "jamais". Aquela terça-feira, 14 de fevereiro de 2012 era, de facto, o dia do Amor! E o amor à raiz, tinha-me levado por muitos sítios, e eis agora a oportunidade de me trazer de volta, de onde eu nunca quis ter saído. A Carolina não me deixava raciocinar ou até ponderar - Vês?! é a tua deixa! É agora!" – Madeirense, eu detesto a minha voz, não sou locutora, não tenho noções da área, que loucura!" – Nem 'mas', nem meio 'mas', hás-de aprender!

As palavras são escassas para definir o que, depois deste dia, se passou. O destino tramou-se para fazerem os ventos daquela manhã, soprarem em meu favor. Num dia minuciosamente organizado para se falar do Amor, do amor ao parceiro, à família, e ao outro, fui "atirada aos leões" e, sem experiência alguma, tinha de irradiar esse amor aos que me ouviam, aos da minha terra, do meu concelho, falar para as minhas pessoas. Mais uma vez o medo. Mas eu tinha de amarrar. Precisava de uma prova da qual não desistisse precisava, pelo menos, tentar. O Dia Internacional do Amor daquele 2012 marcou, para sempre, a minha vida. Tinham gostado da emissão. Inventei, transmiti amor nas palavras que se ausentavam de imagem. Talvez estivesse a emanar os suspiros da esperança, entre decibéis minimalistas de medo. Mas era eu, na minha essência, ali, a dar cartas. Ao outro dia daquela terça-feira, quiseram-me novamente no ar. E assimilei todas as dicas e ensinamentos que me poderiam dar, em poucas horas. Os ouvintes acolheram-me, o meu nome havia sido divulgado como um novo rosto/voz daquela antena. A terça-feira começava com flores. Tinha levado a Carolina comigo e agia como se fizesse parte de uma telenovela. Sentia-me apoiada, e os meus, aqueles que se apresentavam como motor de todos os porquês, estavam do outro lado a torcer por mim.

Pelos vistos, os ouvintes eram como que uma família gigante e nós, as vozes, tínhamos sim uma responsabilidade acrescida, a de fazer valer este reconhecimento. Comecei nos programas matinais, ousei entrevistar convidados a critério e pensar, todos os dias, "fora da caixa". Num curto espaço de tempo fiquei com o bloco informativo e, como "não há duas sem três", propus-me fazer os tradicionais "discos pedidos" que outrora, admito, cheguei a satirizar, pois as pessoas que ligavam a pedir músicas dedicavam-nas a uma lista de pessoas infindável, de quem sentiam falta ou queriam mimar. Como eu os entendia agora, como eu realizara que, em Londres só me apetecia ouvir, a toda a hora, a rádio local do meu concelho. E aqui, alcançado este leque de polivalência, recebia o melhor da vida: não só era locutora como "psicóloga", amiga e uma verdadeira ativista em prol do bem comum. Recebia doces, legumes, flores e mimos quase diariamente, e tudo o que fazia por isso, era ouvir, minimizar a solidão de quem em casa a ela se sucumbia, ou fazer sorrir quem cumpria a sua obrigação laboral. Era criativa e empenhada, e nas chamadas em *off* para os discos pedidos, tornava mais leve quem ouvia dizer que "não, hoje não está tudo bem!". Nada era frete, muito menos trabalho. Estava a ser eu, a ter a oportunidade de ser só eu…e, imaginem, estava a ser paga por isso! O tempo passava e, num ápice, de estúdios forrados a caixas de ovos, o meu nome entoou no concelho. Vivia tempos de muita responsabilidade, e as janelas abriam-se, finalmente, para paisagens que nunca sonhara poder olhar. Assumi, sem fazer por isso, um posicionamento de alguém da terra, tão da terra que queriam que por ela mais fizesse. Os convites profissionais surgiam, para incorporar e dar vida a eventos, apresentando-os, humanizando-os. Eram desfiles, concertos, tertúlias, reportagens privadas para diferentes setores de negócio, vídeos promocionais, ora na cultura, como no desporto ou na gastronomia. A terra, aquela pela qual tanto apreço tinha, aquela contra a qual me havia depois revoltado, estava-me a dar sinais de que me queria tanto, como eu desde o início a quis. Foram anos de magia, de "sussurros

ao ouvido" daquela família que o outro lado da linha me presenteou e, paralelamente, a mesma magia estendia-se num tapete de trabalhos múltiplos pelas freguesias e pessoas do meu Esposende. O social e a comunicação estavam, agora, na ordem certa, como me tinha ditado o curso. Nenhum dia era igual ao outro, e ainda nos 20's, sentia que tinha sedimentado a imagem necessária para poder fazer vida cá, no Minho que tanto me deleitava.

VI

Volvidos 5 anos, e numa segurança comedida, quis experimentar outras realidades e elevei a comunicação apreendida ao nível corporativo, de uma terra que também muito me dizia: Viana do Castelo. A Rádio tinha sido o meu rebento; agora, era tempo de deixá-lo crescer, que é como quem diz, aprender com a vida e adquirir novas experiências, sendo certo que a imagem profissional estava agora mais madura e no ponto certo, para correr riscos. Enquanto defendia e potenciava a imagem de uma grande organização da cidade que viu a Ana num Castelo, em 1258[13], os trabalhos na minha "terra entre dois horizontes", mantinham-se. Como diria Fernando Pessoa, empregava todo o amor em tudo o que fazia, e tudo o que fazia passava pelo mesmo amor que a terra me dava a mim. Organizava eventos, dava-lhes rosto e fazia reportagens sobre tudo o que delas era merecedor. Em 2017, quis o destino que me desafiassem para um dos trabalhos da minha vida. Registar a História dos 50 anos do Futebol Clube de Marinhas. Na verdade, respirava-se futebol por todos os poros da família e eu, maria-rapaz e única menina na família, mais uma vez e em reminiscência, rebuscava poeiras do passado para aplicar no presente. Agarrei o desafio e propus-me ouvir 80 pessoas. Novos e velhos, homens que se viram sem chão, que falaram de tudo o que o futebol e o clube lhes havia dado, percebendo-se que a bola propriamente dita, acabava por ser algo diminuto numa essência que goleava união, bairrismo, luta, e honra ao que de melhor temos: às raízes. Reiterei todos os valores que me haviam feito chegar ali e percebi, entre estórias de luta para angariar dinheiro, peripécias a caminhos dos jogos, perdas sofridas de camaradas, investimento de tempo e vontade de se fazer-acontecer que, viver em comunidade, na nossa comunidade, é o maior porto-seguro que podemos ter. É onde tudo começa e onde tudo vai parar. Assim havia acontecido comigo. E no filme que culminou estas 80 estórias, decidi que queria ser porta-voz de outras tantas oitenta vezes (e vezes) sem conta, aqui, no meu Minho onde tudo é sobre pessoas e pelo resto dos meus dias.

[13] A Lenda conta que uma paixão de um barqueiro que se apaixonou pela jovem Ana que vislumbrava num castelo e a todos perguntava "viu a Ana?" Em 1258, o rei D.Afonso III proclamava o nome da terra como Viana. Em 1848 acabaria por ser registada cidade de Viana do Castelo, por D.Maria II.

VII

Decorre o ano 2021, e eis-me pelas Marinhas. Por aqui comecei, Braga alicerçou-me o jeito, e Esposende e Viana do Castelo dividem-me os dias pelo meu querido Minho. Esta renascida Rita guarda estórias e perspetivas de outros, que alimentam a sua. Chamam de "profissão" aquilo que faço, e entre cidades que ladeiam a minha, absorvo cada cântico, cada sabor, cada ar de cultura, hábito e testemunhos daqueles que, como eu, por cá vivem e exaltam esta curta experiência da vida. São 08h30 de uma outra qualquer quarta-feira, e dirijo-me para a princesa do Lima[14]. O meu outro "trabalho", para além deste, faz-se pelo caminho: absorvo tudo o que me for inspiração. A nacional 13 tem-me deliciado com a imagem de um avô, boina e camisa de flanela, de mãos dadas com a sua neta, na berma da estrada, à espera do autocarro do jardim de infância. Aprecio-lhes diariamente e em minutos diferentes daquela hora, até juntar as peças desta rotina tão bela. Faço-me perguntas retóricas: "estarão os pais a trabalhar?! Pois, decerto. Lembrar-se-á a menina disto, daqui a uns anos? Será que ao deixá-la no autocarro se despedem com um beijo? Será que há "destas inspirações" no corrido de outras cidades?!

- Amanhã paro o carro, peço-lhes uma foto e faço estória da história deles! Penso alto! - É isso, concluo! E assim se dá o meu próximo projeto, nos dias que realizo que a questão de se ser bem-sucedido não está em nenhuma profissão ou lugar. Ser bem-sucedido é estar onde o coração mora. É estar aqui, precisamente onde a vida (me) pulsa e vejo correr o resto dos meus dias; aqui, onde os recantos são eruditos sem serem caros, onde se estende um tapete estonteante de paisagens e costumes e onde me sinto poema por viver no meio da poesia.

Redijo as últimas confidências no "5 ao Minho", onde vinha partilhando tudo isto. – Porra, atrasada 15 minutos para o almoço do ano. Levo 5 exemplares impressos do nosso blogue, antes de o "silenciar" para sempre! Sobre as teclas caem, por fim, a lágrima da muita *chieira*[15] ao escrever que hoje, embora uma eterna caloira *esposes*, sou uma libertina do Minho por dele querer ser 'prisioneira'.

Não se deixem enganar pelo título…esta é uma **Estória de amor**!

[14] Assim conhecida a sede de concelho e de distrito - Viana do Castelo, na província do Minho, descansada na margem direita da foz do rio Lima.

[15] Termo minhoto que significa orgulho e vaidade.

SEGUNDA EDIÇÃO

3º CLASSIFICADO - NUNO MIGUEL FERREIRA DOMINGUES

A LUZ DA GLÓRIA

Dedico este conto à minha filha, a todas
as crianças e a todos os adultos que o ousem ser.

Martinho prometeu que ele mesmo o pintaria naquele dia.

A luz tímida rompia pela frincha que a tábua da portada havia aberto. Glória acordara num sobressalto autista de quem cria e queria “pintar a paisagem, mas não com as tintas que fazem cócegas ao pincel”.

- Tio, quero pintar sem tinta; quero pintar sem pincel; quero pintar sem tela; quero pintar com aquela luz que nos entra pela janela – partilhou a delicada Glória.

Aquelas palavras guiaram Martinho a um raro desafio. Parado, pensava como podia ajudar a pequena Glória sem desconceituar a simplicidade daquele seu pensamento. Glória fê-lo sentir o olhar, ver o cheiro, perfumar o paladar e tomar o gosto do que ouvira.

Sentou-se no leito de Glória, olhou para o feixe de luz refletido pelo espelho e começou a pintar tão só com aquela luz.

- Com esta luz pinto de vermelho a crista, a barbela e o coração do galo – começou Martinho.

Ilustração de Nuno Miguel Ferreira Domingues

Glória olhou para ele com um ar desconfiado.

- Com esta luz pinto de laranja a louça; o telhado das casas, das igrejas e do silêncio dos mosteiros – solucionou Martinho.

Ilustração de Nuno Miguel Ferreira Domingues

Glória distinguira a casa do cimo - a casa onde “o sino está à janela”.

- Com esta luz amarela pinto o granito das casas e das bolas dos montes, o ouro das romarias e o milho que seca nas eiras – segredou Martinho.

Ilustração de Nuno Miguel Ferreira Domingues

- Com esta luz verde pinto as vinhas, os campos e os montes – revelou Martinho.

Num recolhimento que combinava com a colheita da pintura, Glória, aparentemente, nem dera pela muda de cor.

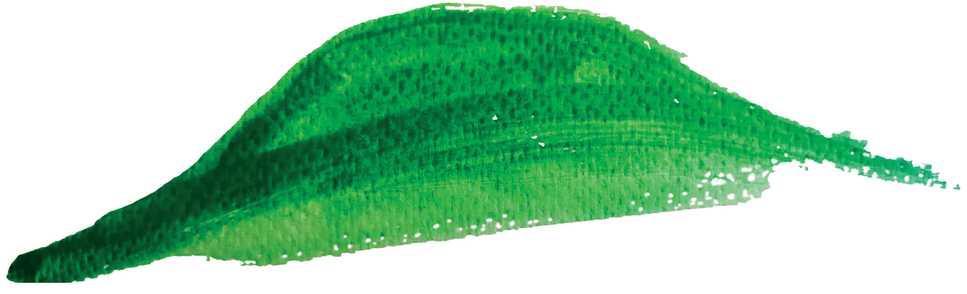


Ilustração de Nuno Miguel Ferreira Domingues

- Com esta luz azul-clara pinto os rios: Âncora, Ave, Cávado, Coura, Homem, Lima e Minho – ensinou Martinho.

Ilustração de Nuno Miguel Ferreira Domingues

Glória tentou, a medo, pegar na luz. Martinho, enternecido e feliz por sentir que conseguira entender a petiza, continuou:

- Com esta luz azul-escura pinto o mar onde terminam os rios e começa o mundo que nos faz sonhar.

Ilustração de Nuno Miguel Ferreira Domingues

Glória confiante, balançada pelo tio, pegou na luz e decretou:

- Com esta luz violeta pinto o pôr-do-sol do nosso Minho.

Ilustração de Nuno Miguel Ferreira Domingues

O Minho

Que as crianças, os seus sonhos, as suas opiniões e os seus riscos sejam sempre respeitados.

Ilustração de Nuno Miguel Ferreira Domingues

TERCEIRA EDIÇÃO

1º CLASSIFICADO - RUI MIGUEL CERQUEIRA COELHO

NO QUE VEJO, OUÇO

NO QUE VEJO, OUÇO

Rui Miguel Cerqueira Coelho

["Andar às vozes" é um ritual perdido na comunidade de pescadores, de Viana do Castelo. Mulheres de fé eram convocadas a pedirem os olhos emprestados à figura da Senhora da Luz, na Capela de Nossa Senhora das Candeias, e verem, em Terra, sinais por resposta a perguntas difíceis. Saíam a rezar pelas ruas da cidade, munidas do divino sentido, e o que viam era depois interpretado. Naufrágios e desaparecimentos no mar eram a causa mais comum para se convocarem estas mulheres, mas havia outros.]

Clarice não duvidava por si. A dúvida viera de fora, como um bicho estranho que se entranha na madeira e começa a escavar. Primeiro um furo, mínimo, pontinho minúsculo escondido nos veios e fissuras naturais do móvel, rodeado de uma poalha amarela, quase dourada, anunciando a escavação que esconde. Depois um comichar, ranger de tábuas e estrutura, com as portas queixando lamentos que não tinham e as gavetas emperrando nas calhas da sua corrida. Até que, por fim, um novo espaço, a sensação de oco ou vazio em algo que até então fora tido por inteiro. O seu Firmino não era desses, assim o cria, mas a térmita da incerteza obrava fundo e no peito o coração estava mais lasso.

"Tanto tempo de namoro e o rapaz não se chega à frente para a levar ao altar?"

"Até as famílias se conhecem, já, e janta lá por casa como se fosse um deles! Ali há coisa..."

"Quem muito escolhe, pouco acerta. Aquele amor não é seguro."

As vozes chegavam em patinhas pequenas, articuladas pela esquina do ouvido.

Trepavam em silêncio e faziam ninho no primeiro recovo de dúvida que encontrassem.

Primeiro na igreja, alguns olhares mais demorados e um sibilar descompassado da homilia, que cobras não rezam; depois as vizinhas com as suas perguntas aos esses e os olhos munidos de unha, arranhando a laje do silêncio em busca de fissura por onde estalar; até que em casa, a mãe recatada nos seus bordados, um ponto em falso, um suspiro, e então sim:

— Ó Clarice, mas não achas estranho?

Não achava, o seu Firmino não era desses, e no entanto sentia um espaço, uma frincha qualquer dentro de si fazer-lhe frio. Não achava até ter começado a achar. Daí aquelas mulheres, sentadas assim, sérias ao redor da mesa, com as portas da sala fechadas e o tom de voz tão sussurrado que o próprio silêncio se fazia ruído.

Dona Joaquina presidia o grupo, mais pela idade que outra coisa. Os seus olhos cinzentos, gelados, varriam as palavras que lhe dirigiam, espreitando a fonte da voz que as articulasse.

— Nós gostamos do moço, não me leve a mal, Joaquina. Mas as pessoas começam a desconfiar e, para lhe ser sincera, nós também. Tanto namoro, tanto rodeio e não há forma de levar a coisa a bom termo? A nossa Clarice é uma menina de bem e temos medo de...medo de, olhe, algo menos bom.

A conversa do emprego e do enxoval iam seguir-se, mas os olhos de Dona Joaquina não deixaram. Ficou a voz pendurada na garganta da mãe, que assuntos práticos não eram para ali chamados.

Fora ideia sua reuni-las: às mulheres que ouvem. Saiu de casa uma manhã em que o silêncio da filha soou afirmativo o suficiente e bateu na porta de Joaquina, vizinha do fundo da rua. Expôs-lhe o caso e foi ela a decidir quem convocar. Trouxe outras três, como ela. Eram mulheres que Clarice só conhecia da igreja ou de as encontrar pela rua, numa saudação respeitosa. Todas com a mesma expressão santa, fechada como um jazigo. Henriqueta e Agonia não eram mais velhas que a mãe, e no entanto emanavam uma idade de estátua. A primeira, viúva, e a segunda casta como uma freira, ou assim se dizia. E depois Marília, esposa do Entravado, nome maligno que as crianças atiravam à janela do quarto onde o homem lhes gritava impropérios. Não devia ser nem três anos mais velha que Clarice e no entanto olhava-a de outra época. Eram mulheres distintas, aquelas, por isso tinham vindo.

A mãe entregou-lhes uma vela branca e a lamparina de azeite. Joaquina olhou-a uma última vez e despediu-se, em silêncio. Saíram as quatro numa marcha lenta, alinhadas como contas num rosário, ficando mãe e filha sozinhas. No bater da porta, Clarice sentiu algo no peito. Era frio e oco: o vazio da dúvida consumava-se.

***

A luz da vela e da candeia formavam um halo dourado dentro da capela, brilhando a chama e o azeite no rosto dos santos. A Senhora da Luz bruxuleava em sombras, com o rosto esculpindo expressões como se falasse ou se condoesse daquelas quatro mulheres que lhe rezavam. Ajoelhadas em fila pediam a uma voz:

— Senhora da Luz, em palavras da Terra e vozes do Céu, declarai se o amor de Firmino a Clarice é sincero.

A chama ondeou animada de vida e a expressão da santa cobriu-se de um ar humano. Uma sombra toldou-lhe os olhos, por um instante, como se os piscasse. Sentiram um arrepio subir pelo corpo e quando a prece terminou, ainda ajoelhadas, abriram os olhos e as quatro souberam que não eram os seus quem via, mas os da humana figura. Despediram-se em reverência e à saída da capela começaram a rezar. Iam investidas de um novo sentido, em coisas da Terra saberiam vozes do Céu.

Seguiram pela rua escura, à esquerda. A capela da Senhora das Candeias ficou para trás, perdida no vértice da primeira casa. Joaquina ia à frente e os pés seguiam por onde os olhos ordenavam. Iam cegas de vontade, essa voltada para dentro na reza que as acompanhava— *Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso*— enquanto o corpo avançava, movido por outros desígnios. E os olhos, sempre os olhos, como mãos, agarrando imagens à procura de sentido.

Henriqueta reparou no azulejo dentado junto de uma janela. A parede da casa intacta e só aquela falha. Já ali estaria antes, certamente, mas então viu uma sombra assomar nas cortinas. Alguém que espreitava, talvez; o vulto ficou imóvel, a vê-las passar— *Creio em um só Senhor, Jesus Cristo*— embalado pelo sibilo da prece. Duas pombas trocaram de telhado, sobre elas, com o assobio de um voo rápido a fazer-lhes sombra. Agonia olhouas e viu a cabeça de uma, curiosa, espreitar do alto. As mulheres seguiram, desembocaram numa rua maior e então foi Marília a chegar-se à frente para levar o cortejo.

O sol brilhava na calçada. Joaquina varreu a rua com os olhos e estacou no homem que entregava algo numa porta— *Deus de Deus, Luz da Luz*— era o carteiro, alegrou-se sem sorrir ante o bom augúrio. Fizeram outra esquina e viraram para uma rua estreita. Pararam de repente. Uma criança com um cesto de ovos caminhava distraída e quase chocava contra elas. Assustaram-se, sobretudo Henriqueta; como se os ovos não bastassem, reparou no dente omisso no sorriso da pequena: uma fachada sem azulejo. Rezou com mais força— *Por ele todas as coisas foram feitas*— e seguiu os pés de Joaquina que ia diante de si.

Os estendais de roupa branca pingavam as pedras do chão e o cheiro do sabão lavava o ar. Um gato malhado lambia tripas e restos de peixe junto à soleira de uma das portas; Agonia, ao passar, percebeu que eram sardinhas— *no seio de Virgem Maria e Se fez homem*— e o gato olhou-a com os caninos de fora enquanto triturava entre eles uma espinha maior.

O cortejo das mulheres serpenteou com rumo próprio, num caminho feito de avanços e recuos, com os olhos a verem para lá de imagens. As ruas não levavam a outro lugar que não elas próprias, se destino não havia, e foi Joaquina quem, numa firmeza de passo, soube estar consumado o percurso. Iam no vigésimo segundo Credo rezado quando Henriqueta, Agonia e Marília a viram encaminhar-se assertiva e souberam ser chegada a hora de acabar. Os pés novamente donos de si e as ruas escolhidas com propósito. Rezavam ainda— *Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso*—a vigésima terceira vez, quando o Largo das Almas surgiu ao fundo da rua. Não precisaram de falar. Seguiram as quatro para dentro da igreja, ajoelharam-se e só voltaram a olhar-se no fim das orações. Eram trinta e três Credos contados quando Marília voltou a ver os olhos cinzentos de Joaquina.

Saíram em silêncio, acostumadas ao cerimonial, e encaminharam-se ao Senhor da Boa Memória que as esperava crucificado, na rua, sob o olhar atento do céu. Pediram-lhe que não esquecessem o que tinham visto, as vozes do Céu tinham falado em imagens da Terra e esperavam-nas para saber o que tinham ouvido. Reuniram-se as quatro num quadrado humano. As suas feições mostravam a seriedade do assunto. A primeira a falar foi Agonia:

— Sardinhas são zangas, todos sabem.

— Sim, mas o gato comia-as.— Interrompeu Joaquina.— Pode não ser assim tão grave.

— Mas e a roupa branca?— Quis saber Henriqueta.

— O que tem?

— Pode ser separação, como os lenços que se acenam.

— Mas estava lavada e a secar ao sol, podem ser novidades também.— Alvitrou Marília, mais tímida pela juventude.

— Sim, e não esqueçam o carteiro.— Acrescentou Joaquina.

As quatro anuíram, mas Henriqueta, desgostosa, insistiu:

— Então e os ovos? Ovos são mexericos e ainda para mais nos braços de uma criança.

— E sem um dente, como a casa.— Ajudou Agonia.

— Sem um dente como a casa!

— Ó Henriqueta, mas mexericos é do que mais sofrem os moços.— Disse Joaquina.

— Mas e a criança, com eles? —Continuou Agonia, compadecida.

— A criança a carregá-los foi estranha.

— Estará grávida? — Sugeriu Marília.

— Outra que não Clarice?— Instigou Henriqueta.

Joaquina varreu-lhe a voz com o cinzento dos olhos, em protesto.

— Clarice?— Repetiu, conformada.

Calaram-se todas, remoendo no jazigo dos rostos o resto das imagens. Marília estreitou os ombros, como se um arrepio a tomasse, e falou:

— Ela não sabe.

O vento soprou entre as quatro.

— Ele tampouco.— Disse Joaquina.

— Mas quando souberem...— Falou Henriqueta.

Olharam-se no segredo do pecado.

— A coisa vai. — E Agonia sorriu.

Anuíram em silêncio. Apertaram-se dentro das roupas e tomaram caminho, dessa vez bem traçado, rumo onde eram esperadas. Clarice não duvidava por si. Duvidava por dois.

TERCEIRA EDIÇÃO

2º CLASSIFICADO - MARIA DE FÁTIMA PEREIRA MARINHO

LOBA ATLÂNTICA

ENTRE O MINHO E GOA

Incríveis e imponderáveis são as águas-vivas de uma cascata. Tudo o resto são complementos circunstanciais de tempo e de lugar.

LOBA ATLÂNTICA

Maria de Fátima Pereira Marinho

O hoje fugaz é ténue e é eterno,
Não esperes ou céu ou outro inferno.

Jorge Luís Borges

I

Se porventura chovia, envergava o capote de palha, para romper a madrugada com o rebanho, monte acima. A devoção aos pinheiros e à seiva que deles recolhia, a par com o que amealhava com os queijos de cabra, valiam-lhe a sobrevivência da família sem a sombra da fome.

Conhecia de cor as veredas. Subia o monte, ainda o sol não raiava e, não poucas vezes, descia à aldeia, noite adentro.

- O pôr do sol nas alturas da serra D´Arga, é para quem não teme o que amarga, dizia enquanto, de si para si, numa espécie de prece, repetia Raul Brandão:

Falem mais baixo, em cada paisagem há sempre um deus escondido.

Rosa guardava os sons do anoitecer na serra, enquanto mergulhava nua na lagoa da Cascata da Ferida Má, nas noites de lua cheia, para regressar com o cabelo ao vento e todo o poder terapêutico da água, da terra e dos astros à flor da pele.

Afoita, causava nos rapazes da aldeia uma certa estranheza. Sendo que, em alguns, essa estranheza se parecesse mais com desejo e noutros, talvez a maioria, com medo. O medo de não estarem à altura da Rosa esquiva.

- Já viste hoje a Rosa Alvorada, Joaquim?

- Não vejo eu outra coisa desde que aprendi a ver, sabes lá! Subiu ao monte com a saia carmesim. Ai aquela saia, Alberto! Ai aquela saia! Não percebo porque não olha para o lado, o diacho da rapariga. Era capaz de lhe fazer vinte filhos. Dez para cada perna.

- Nem penses em tal maluquice. Não vês que ela tem tanto de mulher como de homem. É esquiva, sabes lá. O meu primo Januário, que, a duras penas, deixou São Lourenço da Montaria para ir estudar medicina em Coimbra, a expensas da tia Anastácia e dos grandes cabedais que lhe vieram do Brasil, era louco pela Rosa. Julgo que ainda é, pois não há carta que chegue às mãos da tia onde por ela se não pergunte, duas ou três vezes. Coisas!

- Pois é Alberto, era o teu primo, somos nós e os que por cá passam. Parece a nossa moça, como dizia o Januário, a Angélica Florinda, do conto de Camilo Castelo Branco. A afamada Bruxa de Monte Córdova, que, em Cabeceiras de Basto, numa zona raiana, encravada entre o Minho e Trás-os-Montes, era, naquele tempo, "a tentação dos homens e dos anjos e até dos géneros intermédios como os serafins", tendo ferido de paixão um monge beneditino do Mosteiro de São Miguel de Refojos.

- O seu entusiasmo juvenil, centrado nas cabras, na Cascata da Ferida Má, onde, consta p´ra aí, toma banho nua nas noites da lua cheia. Ai aquela alegria indómita de moça singela.

- Moça singela! Disso não tem nada. Não vês que, com as cabras se faz acompanhar de livros. Lê quanto há. Sabe mais de filosofia do que o António das Mercês, que anda cheio de si, com a graduação de mestre na Católica. Aposto que se a Rosa lhe desse conversa, o metia num chinelo.

- O que me abala, o que me esmaga, é aquela alegria, no meio da solidão.

- O que querias? Não olha para os rapazes e as raparigas não a podem ver, pois nenhuma se lhe igualha. O remédio dela é ser feliz com as boas razões que todos cobiçam. Ou diz lá que não tens uma nesga de inveja daquele portento com cara de anjo? Pois eu tenho!

No tempo da resina, a Rosa, apesar dos seus verdes vinte anos, fazia o trabalho de qualquer homem. Marcava, media, talhava e sangrava os pinheiros com a mestria de um marceneiro. Os gestos dirigidos e certeiros faziam dela a mais veloz recolectora do ouro verde.

Um dia, porém, já a lua, bem redonda, pontificava a noite, o rebanho e o cão entraram na aldeia, que se sobressaltou com a ausência da pastora. Os pais atormentados acorreram monte acima, seguidos dos populares que vasculharam, à luz da lua e da candeia, todos os eventuais passos, mas nem o rasto lhe encontraram.

Seguiram-se dias de angústia. Foi pedida ajuda aos praças da Guarda Nacional Republicana e ao Guarda Florestal. Mas nada, nem um vestígio da Rosa, que, na ausência de sinais, foi dada como desaparecida.

Pouco a pouco apagou-se a memória daquela rapariga que subia o monte e, quando descia, trazia a paz fagueira da felicidade, as cabras fartas e as mãos ansiosas para virar queijos, coalhar leite e recolher tardiamente, do estendal, roupa com notas de sabão rosa, enquanto declamava Camões lírico, Horácio e Pessoa.

Deixou de se ver a Rosa que subia, a Rosa que descia. A memória coletiva foi serenando o sobressalto do seu desaparecimento. Só os velhos pais a traziam nos olhos marejados e sempre abertos para um dia – Deus tudo pode -, verem a Rosa chegar, envolta no mistério só igualável ao que a fez desaparecer.

II

Eu tinha então, e ainda tenho, uma oração fundamental: «Mostra-me o teu rosto.»

Meinrad Craighead

O velho pai António, apoucado pela nostalgia, ativou uma reminiscência, outrora engolida pelo orgulho, mas que o desespero da solidão fez soltar do fundo do poço onde a julgava sepultada.

- Receio que a gema não sirva o propósito.

- Mas qual propósito, António? O teu filho Zacarias saiu da Montaria era um rapaz de calções. Foi levado para o Seminário de Braga com dez anos e nunca mais quis saber de nós. Vinha no Natal, por obrigação. Queres agora que a troco de um pedaço de resina, a que a Rosa deu uma coloração verde, que veneras como criação divina, compre um naco de terra na aldeia, ainda por cima no cemitério, para que possas descansar quando fores fazer pedra? Não estás bom da mona. Ele nunca mais nos falou. Sabe lá quem somos! Nem nós sabemos quem ele é. Ou já te esqueceste que lhe perdemos o rasto, aos quinze anos, depois do Natal, quando nos virou a cara, porque uns doutores que se vinham banhar nas águas frias de Moledo, amigos do reitor do Seminário, lhe prometeram que o faziam seu filho e herdeiro, se renegasse as suas origens?

- A Micas do Zé da Nova foi servir para casa desses doutores, e, a última vez que estive com ela, disse-me que ele era a minha cara.

- Ó homem, com ela falei eu. Confessou-me pesarosa que o rapaz nunca mais lhe dirigiu a palavra e que era um peneirento, esquecido das berças. Além disso, a Micas já morreu e vê se a trouxeram para cá. Qual quê? Enfiaram-lhe dois torrões de areia e pedras por cima dos olhos, num canto do cemitério e toca a andar. Não há o que esperar de gente que fica com os filhos dos outros. Olha, a nós, nem uma satisfação. Como, não sei? Mas conseguiram dizer que não eramos em termos de criar o rapaz. Levaram-no como se fosse estudar para padre e lá o deram aos tais doutores. Pelo menos não desapareceu como a irmã, aquela desgraçada! Realmente *o bocado é para quem calha e não para quem o talha*. Pois se alguém merecia ouro moído era a nossa Rosa. Gastou os ossos pelos montes. Trabalhava mais do que qualquer homem e vê lá.

- Não fales desse mistério, mulher. Passa-me cada coisa pela cabeça.

- Não me digas que, como a tua avó, também acreditas que possa ter sido levada no cabo de uma vassoura, por uma bruxa? Ai homem, desculpa. Desculpa. Até eu sonho que a vejo regressar montada na giesta.

- Eu sei lá o que a vida tece, mulher! Eu sei lá o que a Rosa fez para que aquele pedaço de resina seja verde, como as agulhas dos pinheiros que a ofereceram. Eu sei lá o que levou a Rosa, sem sinais, sem rasto, sem gritos. Eu sei lá porque castigo nos deu a vida dois filhos e ambos se escafederam. A verdade é que estamos para aqui sozinhos, entregues ao que a velhice decidir. A verdade é que tenho vontade de olhar novamente o meu filho nos olhos. Mostrar-lhe a gema de resina da Rosa, esta obra de arte, para que a guarde e nos ofereça o chão sagrado onde quero entregar-me a Deus, já que a má sina me entregou, nesta vida, ao inferno.

III

Aquilo que é calado pode sempre ser dito e tem o mesmo valor que aquilo que é dito.

Besançon

O Visconde do Solar da Luz, médico especialista em oftalmologia, registou o seu filho adotivo, Zacarias, com o nome de João André da Silva Santos da Luz e, renomeado, mandou-o, aos dezassete anos, para Coimbra, seguir os seus passos na medicina.

João Luz entendeu-se, em primeiro lugar, com a medicina, depois com a antropologia, a que se seguiu a filosofia, a psicologia, a psiquiatria, e, por fim, a psicanálise. Deixou propositadamente para a reforma as línguas clássicas e as mulheres negras.

Entretanto, as loiras e as muito morenas, com uma ou outra ruiva, para desfastio, desfilariam em carpetes vermelhas, fazendo-o legítimo esposo ou extremoso amante. Acabaria por se casar duas vezes, segundo rígidos rituais que, deixando as mulheres de lhe interessar, perdiam o caráter sagrado. Treinou uma desarmante habilidade para se desfazer das crenças e das mulheres.

Mudou-se inicialmente para Barcelos, onde contraiu matrimónio segundo os rituais mórmons. Ela era crente, ele estava-se nas tintas, desde que o tinto do casamento fosse bom, aquela morena seria sua, até se fartar dela e das outras que, em segredo, rodopiavam e se encantavam com aquele linguajar tão plural.

Depois do primeiro filho, um varão vai sempre bem, ainda aguentou algumas noites mal dormidas pelo choro da criança. Uma tromboflebite é que não. Falou com os sogros. Desfez, à pressa, os rituais sagrados e entregou-lhes a mulher e o nascituro, com o compromisso de os sustentar até que o seu menino fizesse ombro consigo, na clínica que acabara de comprar, em Braga, e havia de fazer expandir para Viana do Castelo e Guimarães, honrando os pergaminhos da nobre origem do Solar da Luz.

Garboso, chegou, solto e leve, à cidade dos Arcebispos, onde aprimorou todas as habilidades para não deixar que os traços patológicos de um narcisista aflorassem.

Foi fácil conquistar Antonina, a ruiva herdeira dos Vieira e Castro, com pergaminhos nobres e vasto casario entre Monção e Moledo.

A Sé Velha, recebeu os nubentes e toda a confraria convidada.

Antonina, que estudara Filologia Clássica, intercalava a poesia grega com os cuidados que dedicava ao seu galgo e a secretos estudos herméticos da Cabala.

Àquela ruiva intocável, bastava insinuar-se o seu perfume - que rivalizava, dizia-se, com o do jardim sempre florido de Santa Bárbara -, já as cabeças de novos e velhos rodopiavam a adivinhar-lhe a chegada. Uma assombração. Um enigma de pele de alabastro, coroada de um inconfundível cobre e olhos pretos enormes de esfinge grega. Para além de três filhos, entregues aos cuidados da ama Carolina, servia de isco ao seu esposo. Quem recusaria deitar-se com o homem de tal mulher?

João Luz apalavrou com um capanga, seu paciente, a estreita supervisão do quotidiano de Antonina. Fora de casa, nem um gesto deveria ficar fora da cartografia que pagava ao minuto. Exigia detalhes do seu itinerário, contactos e fotografias. Fora destes pormenores deixou, claro, as viagens da eterna estudante de línguas clássicas pelo mundo.

Na sua aparente candura, Antonina tinha ao seu dispor o gangue da cidade. A pedido, na hora certa, foi liquidado o detetive. Constou na cidade que, muito bêbado, escorregara e estourara violentamente o crânio num degrau da capela da Ascensão – obra soberba tardo-barroca de André Soares, no Bom Jesus do Monte.

Enquanto entretinha o marido nas suas, muitas vezes improváveis, investidas nas ruas de Braga ou pequenas viagens, Antonina estudou meticulosamente a oculta origem do Dr. João Luz. Procurou a irmã. Encheu-a, por vários anos, à socapa, de livros e ideias libertárias. Em dia aprazado, logo após o abate do seu fotógrafo mais dedicado, percorreu, a cavalo, a distância entre Viana do Castelo e o cume da Serra D´Arga e levou, na garupa, a mais apetecida moçoila daquela serra, que enviaria para Paris, mais tarde para Londres, e, finalmente, para Goa. Juntas criaram a rota do brilho e da luxúria.

A três dias de completar sessenta anos, soube, o Dr. João Luz, da vida tripla da sua Antonina - uma espantosa mistura de lenocínio, tráfico de influências e diamantes. Como pôde aquela mulher, mãe e amante devota, ser comerciante de carne humana e pedras preciosas? - foi provavelmente uma das últimas questões do ilustre médico do Alto Minho, antes do embate na pedra misericordiosa do segundo degrau da Capela da Ascensão.

As traições seguidas e meticulosamente escondidas entre consultas e congressos, por certa o fizeram corar, ao ter percebido que Antonina, com menor esforço, nas suas barbas, engendrou viagens pelo mundo, onde se firmou enquanto mulher de negócios e detentora de bens imobiliários milionários. A sua rede, com o nome de código "Loba Atlântica", lavava o dinheiro sujo, do tráfico de diamantes e de mulheres, em bens imobiliários, resorts em Goa e em lojas de artigos de luxo e joalharias, em todas as capitais da Europa.

Fez Antonina questão de tudo lhe contar, cara a cara, mão na mão, depois de um jantar soberbo no Sameiro. No mesmo restaurante, o Maia, onde o Dr. João Luz exibia algumas das amantes, as mais exóticas, quando Antonina se ausentava para fazer retiros nas Universidades Clássicas. Foi secretamente acompanhada pela quadrilha que assegurava a sua proteção, a quem, depois de ver transtornado o semblante do esposo, deu sinal para que avançasse e abotoassem um João Luz colérico e incrédulo.

Quando se sentiu empurrado contra o degrau, João Luz, lembrou-se do que acontecera, anos antes, ao paciente convidado a esquadrinhar o quotidiano de Antonina.

Afastando-se, ao ouvir o baque da cabeça na pedra, Antonina, com o sorrido guardado para dias de celebração, pensou na eventual cara do arquiteto André Soares, se pudesse saber que o seu Pátio dos Evangelistas seria palco de dois acidentes fatais e repetiu, para Rosa, que a esperava, Manuel da Fonseca – Isto de estar vivo ainda um dia acaba mal.

Aguardavam-nas, na Serra D´Arga, as águas-vivas da Cascata da Ferida Má. Era noite de lua cheia.

TERCEIRA EDIÇÃO

3º CLASSIFICADO - FERNANDO JOSÉ CARDOSO DE SOUSA

MINHO, TERRA DA NOVIDADE

MINHO, TERRA DA NOVIDADE

Fernando José Vieira Cardoso de Sousa

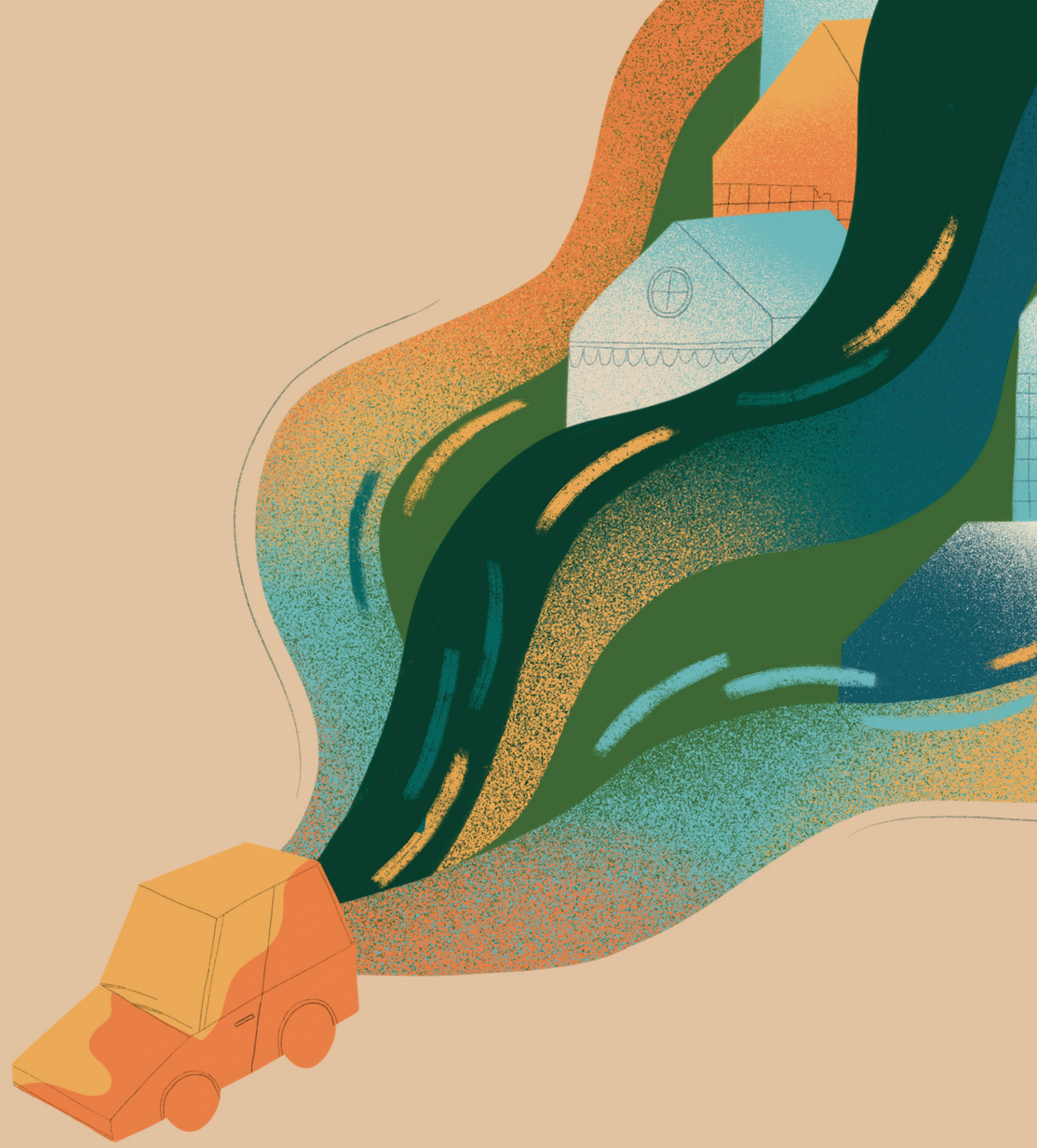
Corria o verão de 1958 quando os meus pais resolveram levar-me a passar umas férias em casa da minha avó materna, situada numa aldeia no interior do Baixo Minho, chamada Anissó, no concelho de Vieira do Minho. E essas férias, e outras que se seguiram, constituíram uma das experiências mais marcantes da minha vida, que moldaram indelevelmente a minha personalidade e estabeleceram um vínculo emocional com aquela terra, que não tem cessado de crescer.

Mas o que é que poderia constituir uma experiência tão marcante para um miúdo de oito anos que, ainda por cima, já conhecia a aldeia e as pessoas, bem como outras aldeias, na região de Leiria, onde o meu pai tinha familiares? As razões são muitas, mas se eu quiser fazer uma síntese de todas elas numa só frase, diria que as gentes do Minho têm uma capacidade única de criar novidade através da simples conversa, isto é, de gerar aprendizagem a partir da interação social de pessoas que, no passado recente, eram maioritariamente analfabetas. E é sobre essa marca que o Minho me deixou que eu gostaria de tecer algumas considerações.

A viagem

Naqueles tempos, ir de Lisboa a Vieira do Minho era em si uma aventura mas, pelo menos, o caminho era feito em estrada asfaltada, ou empedrada, o que não acontecia nos últimos seis quilómetros até à aldeia, em que era preciso vencer o pó, os buracos, as valas e outros obstáculos que só os autocarros e as carrinhas de transporte da sardinha faziam sem grandes problemas.

Primeiro havia a fila contínua até ao Carregado, onde se chegava por volta da hora de almoço, mesmo a tempo de ir comer a um dos enormes restaurantes que rapidamente se enchiam de famílias de domingueiros, que esgotavam travessas de cozido, costeletas, feijoada, dobrada e outros pratos que combinavam bem com os garrafões de tinto e o calor insuportável que se fazia sentir. Depois de bem comidos e bebidos, reiniciávamos a viagem interminável atrás de um qualquer camião ou condutor de domingo, sem qualquer possibilidade de ultrapassagem durante a travessia das várias serras do caminho, pela Nacional 1, que sendo a estrada mais importante de Portugal e em melhores condições, nos dá uma pálida ideia de como seriam as restantes. A seguir ao almoço havia que transpor povoações como Rio Maior e esperar que as carroças libertassem as ruas, onde as casas como que possuíam a capacidade de se movimentarem para cima da estrada, que parecia mais estreita de cada vez que lá passávamos.



Depois começava a subida para o Alto da Serra, em que os camiões e carros avariados ocasionavam filas monumentais, que atingiam ao seu auge em S. João da Madeira. Era um autêntico exercício de paciência e resignação, com paragens obrigatórias para aliviar a bexiga e, sobretudo, para que crianças e adultos pudessem vomitar, tal o enjoo motivado pelo calor e pelas estradas que pareciam ter sido construídas a contornar cada campo, cada casa e cada árvore, tal o número impressionante de curvas e ausência de retas, mesmo em terrenos planos. Já perto do destino ainda tínhamos as curvas da estrada empedrada que saía de Braga em direção ao Gerês, que aliava o piso agreste a um nevoeiro persistente de final de tarde, que era totalmente impenetrável ao cair da noite. Esta memória de sofrimento com o percurso, só foi suplantada por, pelo menos, uma viagem que fiz de autocarro, que se desviava da estrada principal para destinos remotos, por estradas indescritíveis, onde entravam gentes que carregavam a casa às costas, incluindo os animais, o que multiplicava a duração da viagem por vários algarismos.

Este drama amenizava-se quando entravamos no Minho, ali por alturas de Famalicão. Primeiro com o cheiro da terra molhada por mil e uma fontes e nascentes; depois as videiras suspensas em latada por colunas de granito, travadas com ferros e arames, cheias de uvas que exalavam um perfume quente de flor inebriante; a seguir os milheirais imensos e o verde impressionante da vegetação, que alimentava o ar com um oxigénio sadio, refrescante; e as vacas pachorrentas, que regressavam a casa sozinhas e que cobriam a estrada com os restos da digestão, de cheiro agridoce a erva esmagada, que se ia pegando ao chassis dos carros como se fosse cimento, aí permanecendo como uma marca da região. Era este agitar dos sentidos, a que se juntavam os muros de pedra sobre pedra, as casas e os solares, tudo em granito, cobertos com o musgo acumulado por centenas de anos e decorados com as flores mais exuberantes que imaginar se possa. Tudo isto nos dava a sensação de termos entrado noutro país e quase que compensava o sofrimento da estrada.

Finalmente, mais de doze horas e de quatrocentos quilómetros depois de deixarmos Lisboa, lá chegávamos à aldeia, já de noite, onde éramos recebidos pela minha avó e outros membros da família, que nos tinham preparado um repasto tradicional de galinha ou coelho, religiosamente guardados na capoeira para ocasiões especiais ou, na falta deles, de algum coelho bravo acabado de caçar sem grande trabalho, no tempo em que a caça era tão abundante que até se apanhava com um varapau, desde que o caçador fosse perito no seu uso. Atente-se ainda que a casa ficava na encosta, não no vale, no meio de caminhos onde um carro não podia ir mais longe que o adro da igreja, sendo o resto do caminho feito a pé, carregando armas e bagagens pela encosta acima.

Do bulício do Bairro Alto à pacatez da aldeia

Finda a refeição e cumprimentados os vizinhos, lá fiquei eu sozinho com a minha avó, já que os meus pais se rasparam o mais depressa que podiam, uma vez que não havia alojamento para eles. E o choque era tremendo para uma criança habituada ao conforto de uma cidade cosmopolita como Lisboa, ainda que sem luxos nem mordomias, numa família remediada. Cosmopolita é uma maneira de dizer pois, nascido no Bairro Alto, num tempo que mais parecia retirado dos desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro, e em que, de dia, o espaço era preenchido por varinas e vendedores ambulantes, com os seus pregões castiços e linguagem desabrida, para já não falar na gritaria entre vizinhas, tornadas inimigas por alguma infidelidade masculina; pelas tabernas, sempre cheias de homens que esgotavam mata-bichos e copos de três desde muito cedo; de jornaleiros, que vinham de madrugada distribuir jornais e revistas pela cidade, depois de recolherem, nos seus sacos de pano, o material das mais das cem tipografias existentes no Bairro; e de "almeidas", que lavavam as ruas com jatos poderosos de água e por quem eu tinha uma admiração especial, por causa da farda e da destreza no trabalho de equipa com as mangueiras. E a noite, com o bulício das tascas transformadas em casas de fado, com um público muito diferente do das casas de fado seletas, onde íamos ver os janotas entrar; com marinheiros e outros forasteiros em busca dos prazeres proibidos, mas disponíveis por todo o Bairro; e com as festas dos clubes do Bairro, com bailes, concursos e música ao vivo, aos fins de semana. E era naquele ambiente, agitado pelo fervilhar das pessoas, mas seguro pela ausência de carros ou motas, que eu vivia despreocupado na rua, brincando ao berlinde e ao arco, ou aos cowboys e a outras entretengas próprias dos miúdos e da época, que se juntavam em grupos conforme a zona de residência, a idade e a proveniência social, pobre ou remediada, das muitas gentes que habitavam aquele bairro.

O Bairro Alto da época oferecia assim um bulício constante, em contraste com a pacatez da aldeia, onde, durante o dia, apenas se ouviam os animais, em especial os galos e a passarada, o sino da igreja, e o "choro" angustiante dos carros de bois milenares, cujo atrito dos eixos de madeira com a madeira dos apoios era audível a quilómetros de distância e constituía como que um desafio entre lavradores, a ver que carroça rangia mais alto; e, à noite, pouco mais do que o ladrar dos cães e o piar das corujas. De realçar, no entanto, a frequência com que se ouvia cantar e chamar por pessoas e animais, utilizando termos que, para mim, eram absolutamente escandalosos, de tão vernáculo que era o calão utilizado, com duas "asneiras" em cada três palavras, mas que perdiam o tom ofensivo, ou mesmo agressivo, quando pronunciadas pelas gentes minhotas. Para não falar no rebentamento dos foguetes, aos fins de semana, sobretudo à noite, derivados das mil e uma festas que havia sempre nas aldeias das redondezas, tornando perigoso transitar nas estradas de noite, sempre cheias de foliões que se deslocavam a pé entre as festas, sem qualquer tipo de sinalização.

A aldeia

Sem eletricidade e, portanto, sem luzes, rádio ou televisão, tudo era silencioso, escuro e dependente do luar ocasional, deveras deslumbrante, para alguma luminosidade noturna, ligeiramente interrompida pelas velas de estearina ou pelas lanternas de petróleo, que algumas pessoas usavam nas deslocações; ou, no interior das casas, pelas candeias de azeite, cuja chama fraca bruxuleava ao sabor das correntes de ar, exalando um cheiro adocicado, que contrastava com o odor agreste dos candeeiros a petróleo, cujo funcionamento em permanência era caro demais para a maioria dos habitantes. Mas a fonte principal de luz noturna era, claro está, a fogueira, acesa noite e dia, de verão e de inverno, com a indispensável panela de ferro com água quente, para tudo o que fosse preciso, e que, juntamente com as candeias, gerava sombras em movimento, sempre algo assustadoras para uma criança. Claro que não havia frigoríficos nem outra forma de conservar os alimentos para além da maceira, onde se guardava a farinha de milho, o fermento e a manteiga, para fazer a broa no forno de granito, calafetado com bosta de vaca de que, talvez também por isso, resultava num pão com um dos melhores cheiros e sabores de que me lembro e que, juntamente com as couves, batatas, feijões e saladas, constituía a dieta normal dos habitantes, sempre acompanhada pelo vinho tinto "amaricano", que todos cultivavam, apesar de proibido. Sardinhas de vez em quando, compradas diretamente da carrinha que chegava cedo, vinda da Póvoa do Varzim, a quase cem quilómetros dali, mais o bacalhau em dias de festa, o porco depois da matança e, talvez uma vez por ano, as melhores costeletas de vitela que alguma vez comi.

A casa da minha avó

E a casa da minha avó pouco mais tinha que a tal maceira, uma cristaleira rudimentar, para pratos, copos, talheres e algum resto de comida protegido das moscas por uma porta de renda. Com apenas uma divisão, quase metade do espaço era ocupado pela lareira e pelo monte de lenha, em que se incluía o "escano" - banco corrido, em madeira já muito defumada, com umas costas que rebatiam para a frente, formando uma mesa perfeita para três ou quatro pessoas. Na outra metade da casa ficava a cama de ferro e um pequeno lavatório de esmalte que, a muito custo, foram desviados por forma a colocar mais uma cama para mim. A casa de banho era a horta, precedida por um lindo jardim e, para tomar banho (caso fosse mesmo necessário), bastava um alguidar de zinco com água tépida. Nem sequer havia chaminé, saindo o fumo pelas telhas fixadas com pedras, e pelos intervalos dos blocos toscos de granito, com que a casa tinha sido construída, sem qualquer vestígio de cimento ou reboco. Uma janela muito pequena completava o conjunto, em que se incluía a porta de entrada e a da horta, que serviam, sobretudo, para escoar a água das chuvas que entrava por cima, escorria pelo chão de terra batida e saía pela porta de baixo. E era tudo tão eficiente que não me lembro de ter passado frio nem calor, nem de ter os pés molhados, pois o chão secava quase instantaneamente. Só me lembro da dificuldade em me habituar ao fumo permanente, durante a noite, e das moscas, durante o dia, provenientes das cortes dos coelhos e dos porcos, à entrada da casa, juntamente com as galinhas que andavam a esgravatar no pátio, mas sem nunca entrarem na casa. Havia também as cabras, as ovelhas e os garranos dos vizinhos, que aumentavam bastante a densidade de moscas. Finalmente a água; água por todo o lado: no tanque, nas fontes, e nos regos que corriam dos poços comunitários, às horas e dias que pertenciam à minha avó.

Era assim a casa simples da minha avó, construída há mais de cem anos pelo meu trisavô, onde tinha nascido toda a minha ascendência materna, e que me impressionava sobretudo pelo facto de não ter um único objeto, espaço ou construção que não fossem absolutamente necessários à vida das pessoas que a habitavam. Dessa família, para além da minha mãe, havia um tio emigrado para o Brasil, que nunca conheci e que se reuniu a uma longa série de familiares que preferiram aquele país às aventuras europeias ou venezuelanas; uma tia mais velha, que se fixou em Coimbra e que foi mãe das minhas três primas, tão amantes da aldeia quanto eu, mesmo sem terem lá passado férias; e o meu tio preferido, também morador no Bairro Alto e que, por razões que lhe assistem, nunca mais voltou à aldeia. No entanto a pessoa com quem eu convivia mais era com o meu primo António, uma dúzia de anos mais velho, que vivia com a mãe, irmã da minha avó, na casa ao lado, e que, graças às remessas do pai, emigrado para França ao tempo do meu avô, dispunha de um maior desafogo que a minha avó. Também me lembro da vizinha "Cartola", cuja vida consistia em ir para o monte com as cabras, todos os dias, fizesse sol ou chuva, só regressando à noite, e que me contava histórias assustadoras das lutas que tinha tido com os lobos. Mulher bonita e inteligente, mas que nunca foi à escola, nem casou, nem se lhe conheceu namorado, tão primitivo era o seu aspeto e tão dura a sua vida. Juntamente com a minha avó, essas duas pessoas constituíam como que os meus modelos, sobretudo pela coragem que demonstravam em enfrentar condições tão duras, sem um queixume nem perda de boa disposição, e sempre disponíveis para ajudar quem precisasse, ou para lutar com quem tentasse apropriar-se de algo que lhes pertencia.

Era neste ambiente que eu me encontrava de férias, longe de casa, pela primeira vez sem os meus pais, com uma avó que eu mal conhecia, mas que não me parecia poder dar-me grande apoio. Mulher com todos os sinais de ter passado uma vida difícil, tinha conseguido criar quatro filhos sozinha, já que o marido, emigrado a salto para França, em 1936, deixando-a a cuidar dos filhos, tinha apanhado a Influenza em Espanha, vindo a morrer algures em França, sem sequer ter começado a trabalhar. Sem meios de subsistência e com pouca ajuda da família, que pouco mais podia que ela, teve como única solução ir servir para Lisboa, levando os filhos que iam ajudando como podiam, nas limpezas e outros trabalhos, e que acabaram por lá ficar, enquanto ela regressou à aldeia. Foi assim que o meu pai, também ele vindo de fora de Lisboa, conheceu a minha mãe e lá juntaram os trapinhos como puderam.

O prazer da conversa

Da face da minha avó há muito que as lágrimas e os sorrisos estavam ausentes, assim como o carinho que seria natural em relação a um neto. Mulher inteiramente dedicada ao trabalho, nutria por parte dos habitantes da aldeia um respeito quase afeição, devido à valentia que tinha demonstrado ao criar os filhos em condições tão difíceis. E era tão grande o corrupio de gente que nos visitava à noite, mesmo debaixo de temporal, que a minha memória ainda guarda a imagem de uma série de pessoas, recortadas na porta de entrada, entre a luz da fogueira e o escuro da noite, que se iam revezando à medida que recebiam as notícias e contavam as novidades sobre os mais variados temas, com prioridade para a agricultura e os dramas passionais. Raramente tive oportunidade de testemunhar uma interação social tão intensa como a que presenciei naquelas condições, aparentemente tão desfavoráveis ao convívio. Nunca como ali constatei esta capacidade extraordinária de gerar novidades com interesse para todos, por pessoas maioritariamente analfabetas, que não ouviam rádio, não viam televisão, nem liam jornais ou livros, nem, de uma forma geral, se movimentavam para fora da aldeia mais do que a distância que permitia ir e vir a pé durante o dia, ou a alguma festa noturna em aldeia vizinha. Ou, obrigatoriamente, às celebrações nos santuários que havia em todos os lugares onde a paisagem oferecia um deslumbramento especial, que a Virgem Maria tinha

escolhido para as aparições, em que se juntavam multidões enormes, como em São Bento da Porta Aberta, que ainda hoje reúne as maiores concentrações depois de Fátima. Santuários criados debaixo da fé católica, é certo, evocando aparições da Virgem Maria, mas com um cunho vincadamente pagão, em que o principal era a festa e só depois a celebração religiosa. E por festa entenda-se comer, cantar e dançar ao som do acordeão, juntamente com algumas lutas passionais entre namorados concorrentes nalguma beldade local. E todas as oportunidades eram boas para a conversa: no adro da igreja, aos domingos, com homens e mulheres em espaços separados; nas zonas de lavagem e nos penedos onde se colocavam os lençóis a dourar, para as mulheres, e na venda (taberna) da aldeia, para os homens; durante os rituais agrícolas das sementeiras, desfolhadas, vindimas ou peneira dos cereais nas eiras; ou, simplesmente, em encontros casuais nas deslocações, em que havia sempre temas novos de conversa que justificavam demoras prolongadas.

E ainda havia a ida quase obrigatória à feira semanal na vila, em que cada um vendia alguns excedentes agrícolas, o que lhes permitia depois comprar na venda da aldeia coisas de primeira necessidade, como o açúcar, o sal, o fermento, a manteiga e pouco mais, para além do copo de vinho. Interessante o facto das deslocações à vila serem feitas sempre a pé, muitas vezes descalços, quando até poderiam recorrer a muares e carroças, como em tantas outras regiões. Pois, por qualquer razão, mulas, cavalos ou burros quase não existiam, limitando-se às vacas, usadas apenas como animais reprodutores e de tiro (o leite para consumo humano vinha sobretudo das cabras), para carros e arados, e aos garranos, que passavam a maior parte do tempo no monte, regressando à corte quando lhes apetecia, aí ficando alguns dias. Este pormenor dos garranos sempre me intrigou, pois os lavradores tinham-nos apenas pelo prazer de os ter, não os montando nem lhes dando qualquer uso especial, para além de algum estrume ocasional, quando estavam recolhidos nas cortes. A principal imagem de marca da região eram, sem dúvida, as belas vacas de gado minhoto, de andar vagaroso, com enormes chifres e olhos sensuais, trabalhando todo o dia nos campos ou a puxar carros atulhados de milho, lenha ou estrume.

A vida na aldeia

E foi neste ambiente que fui passando os dias e apreciando a vida simples do campo, o valor da sinceridade das pessoas, que me ensinaram a distinguir as coisas verdadeiramente importantes da vida. Numa comunidade em que os sinais exteriores de riqueza era o número de vacas (e de carros de bois), que traduzia o volume das colheitas que retiravam dos campos, que marcava bem a hierarquia social, feita em função da riqueza, do apelido de família e dos títulos vagamente oriundos da monarquia, que esta gente sempre prezou. E eu também era tratado como se fosse rico, sempre bem recebido nas atividades agrícolas e nos rituais, mas mais como espectador do que como interveniente, já que não tinha qualquer capacidade para trabalhar como os outros miúdos da minha idade, sempre habituados a ajudar os pais em tudo o que podiam, onde se incluía guardarem os rebanhos no monte, aí ficando todo o dia, fizesse chuva ou fizesse sol. Ali toda a gente trabalhava e só folgava ao domingo, para ir à missa e a alguma festa na região. Mas o próprio trabalho, apesar de duro, era fonte de satisfação, pois toda a gente ajudava toda a gente, apenas a troco de um bocado de broa, chouriço, e vinho, claro está.

Assim, andar nos carros de bois, acompanhar as lavadeiras ao rio, assistir a uma desfolhada com perto de uma centena de pessoas, ou ao trabalho que se seguia a uma matança de porco (de que eu fugia quando começava a ouvir os gritos), eram verdadeiras festas para mim, já que o único trabalho que tinha era o de ir buscar água à fonte. E como não tinha o treino das mulheres, que equilibravam facilmente um cântaro pesadíssimo à cabeça, "dançando" com ele como se fizesse parte do esqueleto, só me restava transportá-lo como podia, perdendo-se grande parte do conteúdo, o que me obrigava a ir mais vezes à fonte. E esta fonte tinha (e tem) o que eu acho ser a melhor água do mundo, a única que sabe verdadeiramente a água, a terra-mãe, talvez porque aquela terra de granito, com os seus penedos enormes, lhe conferem esse gosto.

Outra coisa que me impressionava era a forma como as pessoas se juntavam para construir uma nova casa, sempre dirigidas por um pedreiro, mas com todas as competências necessárias para ajudar na obra, fosse em que área fosse, desde a preparação dos alicerces até à construção das paredes e telhados. O trabalho do granito era verdadeiramente notável, pela forma como conseguiam acertar os blocos, dispondo apenas de ferramentas rudimentares, com um tipo de pedra que se desfazia ao menor engano do escopo ou do martelo. Mas o mais impressionante era mesmo a construção dos espigueiros, ou canastros, como lhes chamavam, cujas pedras podiam pesar mais de meia tonelada, mas que um canteiro movimentava sem esforço aparente, dispondo apenas de uma corda e de uns rolos de madeira. Apesar de ter testemunhado algumas vezes esta construção (quase todas as casas tinham um espigueiro anexo), nunca cheguei a perceber como é que uma só pessoa conseguia movimentar aquelas pedras enormes sem a ajuda de qualquer máquina, cabrestante ou sequer roldana. Só sei que o resultado final era um espanto de estética e funcionalidade, servindo perfeitamente o seu propósito de evitar que os roedores tivessem acesso às espigas de milho e a outros cereais, que ficavam a secar lá dentro. Para mim aquela construção era o resultado evidente de séculos de aperfeiçoamento das técnicas de construção e o símbolo perfeito da beleza da arquitetura popular.

E agora?

E assim se passaram as minhas primeiras férias longe de casa, durante mais de um mês, sem que eu alguma vez sentisse desejos de regressar a Lisboa ou tivesse saudades de casa ou dos pais, tão entretido andava a acompanhar tudo e todos nas atividades do campo, nas festas e nas feiras que, para mim, eram uma novidade absoluta. É certo que não tinha os amigos do Bairro Alto, mas os adultos da aldeia aceitavam-me bem e ensinavam-me muitas coisas.

Atividades religiosas é que não ia a muitas, pois a minha avó não frequentava a missa nem os santuários, tendo eu de ir com outras pessoas para ver como era. E não me lembro de ter visto gente a arrastar-se de joelhos, ou a fazer outros sacrifícios físicos, ao contrário do cenário de Fátima, por exemplo. Não é que as pessoas não fossem crentes ou não quisessem expiar os pecados e pagar promessas, mas creio que não ligavam muito a isso, tendo mesmo uma atitude crítica em relação aos padres, em especial àqueles de quem se contavam histórias menos edificantes de relações amorosas ou enriquecimento ilícito. Também não me lembro de alguma vez ouvir falar de algum médico ou enfermeiro, sendo as minhas feridas e constipações tratadas com mezinhas caseiras, uma vez que não podia beber vinho (nem mesmo "sopas de cavalo cansado"), que era o remédio mais utilizado lá na terra. Penso que algum tratamento devia haver para casos graves, nem que fosse irem para o hospital de Braga, mas sinceramente não me lembro de ter ouvido qualquer referência a assistência médica, incluindo no nascimento de alguma criança. De realçar que nunca ouvi a minha avó, nem a minha mãe, queixarem-se fosse

de que dor fosse, e ambas tiveram uma saúde frágil, morrendo prematuramente, o que me reforçou a convicção de que os minhotos eram particularmente corajosos.

Agora, passados todos estes anos, o que ficou das minhas férias de infância? Quais as tais transformações de personalidade que eu posso atribuir à influência das gentes da aldeia? A resposta não é fácil, pois que se trata mais de sentimentos do que coisas racionais. Em todo o caso, reconheço que é algo que tem vindo a crescer com o tempo, em termos do reforço da minha ligação com a aldeia, com a região e com o Minho em geral. Gosto muito de Lisboa e do bairro onde nasci, mas o meu coração está lá na aldeia, onde até já preparei uma sepultura com os restos mortais dos meus antepassados, onde eu também irei repousar quando chegar a minha vez. A minha "terra" é Anissó, os meus modelos humanos são aquelas gentes simples, e até quando ouço alguém com a pronúncia do Norte, sinto um aperto de saudade. E, na minha maneira de ser, sinto crescer os sentimentos de apreço pelas pessoas simples, pela linguagem não elaborada e pelo desapego ao lado material da vida, exceto o lado da cozinha regional, que aprendi a prezar a ponto de ter muita dificuldade em me adaptar a outras gastronomias. E isso não é mais que a recuperação da minha experiência de infância e de tudo o que se lhe encontra ligado, em termos de personalidade.

Infelizmente, da minha família da aldeia só resta o meu primo António e a mulher. Das outras pessoas do meu tempo não restam muitas, também porque dos mais de oitocentos habitantes que tinha a aldeia ao tempo, agora não passarão muito dos cem. E é por isso que eu me recuso a ver morrer a aldeia e tento contrariar a desertificação recorrendo ao que se encontra ao meu alcance. Para já reconstruí e aumentei a casa da minha avó (o construtor era lavrador), que é agora um imponente T4, onde eu me refugio sempre que posso, só para poder acordar ao som dos pássaros, abrir uma janela que dá para as cameleiras plantadas pela minha avó, e deliciar-me com aquela vista fabulosa para o vale verdejante. Depois dediquei-me a ir adquirindo as ruínas que iam sendo postas à venda ali à volta, mais para evitar a invasão do cimento do que por investimento, de rentabilidade futura altamente duvidosa. E como não conseguia aumentar a fixação de mais pessoas na aldeia, resolvi trazer turistas que pudessem permanecer alguns dias, criando assim postos de trabalho e maior interação para os moradores. Para isso comecei por reconstruir as ruínas que tinha adquirido, tentando respeitar ao máximo a sua traça original e mesmo a funcionalidade de alguns interiores, tais como os fornos de pão. Felizmente ainda consegui encontrar gente capaz de trabalhar a pedra à mão, a quem apenas tive de pedir que reconstruíssem como era dantes, sem mais orientações ou desenhos, pois eles sabiam exatamente como proceder. E nem sequer pedi orçamentos ou justificativos, tal a minha fé na honestidade das gentes daquela terra.

Mas a construção em que mais me empenhei foi na edificação de espigueiros, transformando-os para habitação, o que, aparentemente, era uma impossibilidade, dado não se poder aumentar a largura da abóbada granítica, mas apenas o comprimento da edificação, o que impede outros usos que não o original. Ainda tentei recuperar espigueiros antigos, mas o risco de derrocada era demasiado grande, pelo que optei por mandar construir novos, numa serração de pedra onde se construíam sepulturas. Novamente, não foi necessário fazer nenhum desenho, já que o conhecimento ainda não se perdeu, tendo-me limitado a fornecer as medidas. E que medidas? Pois as de um contentor marítimo!

Depois de imaginar várias possibilidades de alargamento dos espigueiros, veio-me a ideia de os expandir lateralmente, adicionando-lhes um anexo em madeira, tipo bungalow. No entanto, como a junção com a pedra era problemática e os custos de construção e manutenção muito elevados, optei por contentores marítimos a que que se retirou uma das faces e reforçou o teto. Depois foi só entregar a construção da junção a artífices locais que, novamente sem qualquer indicação adicional, me

apresentaram um T0 perfeito, em isolamento e condições de habitabilidade. Por fora parece um espigueiro normal, exceto quando se abrem as portadas das janelas, que se destacam do conjunto das tiras de madeira, entrando-se também pela porta normal de acesso. Quanto ao contentor, como foi revestido com chapa e colocado nas traseiras do espigueiro, sendo ainda parcialmente escondido com plantas, quase não se vê. O conjunto resulta assim numa habitação pouco espaçosa, é certo, mas com todo o conforto moderno para uma família com crianças, dentro do princípio de não haver espaço ou utensílios sem utilidade, tal como na casa da minha avó. Dois espigueiros estão já em utilização, com bons resultados junto dos hóspedes, estando outros dois em construção, ainda que com a lentidão própria da rarefação de mão de obra que se verifica. Até agora só tenho tido manifestações de apreço por parte dos residentes, das autoridades autárquicas e até de entidades regionais, que decidiram atribuir ao empreendimento um prémio de inovação, na categoria da sustentabilidade.

Mas a construção não é um fim em si própria, mas apenas um meio para conseguir transmitir aos visitantes o espírito da região, cuja materialização carece de iniciativas complementares, a começar pela organização de visitas que coloquem hóspedes e habitantes em contacto. Um contacto simples já é qualquer coisa, mas é pouco para a recriação da interação social relatada neste episódio. Esse tempo passou e dificilmente regressará, não tendo, por isso, cabimento efetuar tentativas de o repetir, exceto quando se trata da interação entre locais que, apesar de poucos, mantêm inalterável a cultura original. Mesmo a opção museológica, recriando ambientes e mostrando artefactos, por muito mérito que possua e dispositivos multimédia em que se apoie, dificilmente poderá ir mais além da informação sobre os tempos passados. E sabemos, dos muitos exemplos espalhados pelo País, quer de museus e centros de interpretação, quer de recriação de ambientes e rituais rurais, que a atração que pode fazer a potenciais visitantes é limitada, nomeadamente ao público jovem. E, se quisermos que essa experiência seja impactante, então a resultante é nula. Que fazer, então?

Uma resposta possível pode estar em iniciativas que estimulem a autoestima e o sentido de pertença dos que acolhem os visitantes, por forma a que isso transpareça para estes com uma imagem atrativa, moderna e diferenciadora do Minho em relação a outras regiões. Nada tendo contra a recriação de rituais rurais, mostras de produtos, feiras, celebrações religiosas e espetáculos com gentes da terra, o impacto no visitante será tanto maior quanto a sua participação for mais ativa e espontânea, o que exclui, em parte, os workshops elaborados ou os cursos breves. Uma visita simples a uma exploração agrícola, com participação nalgumas tarefas; ou a uma criação de gado, com partilha naquilo que for acessível a um visitante não especialista; ou na condução de algum rebanho de cabras ou ovelhas…tudo isto tendo como corolário a interação social entre todos, adicionado com os temperos gastronómicos de ocasião, que os proprietários sempre partilharam com quem ajuda ou visita, como nos tempos idos. E será da conversa resultante que a novidade aparecerá, gerando aprendizagem, tanto para quem chega, que toma contacto com uma realidade de que só ouviu falar, como para quem recebe, que assim revela a alegria própria da novidade na conversa com as gentes do Minho.

Agora só falta encontrar o público-alvo e definir as vias para lhe chegar. Pessoas que sintam o apelo da terra e possuam a sabedoria suficiente para, entre a enorme pressão do conhecimento atual, encontrarem espaço para as novidades contadas por gente simples da aldeia, desfrutando assim de experiências marcantes como a que eu tive.

Livro de Contos Estórias do Minho: Prémio Minho Storytelling

Entidade Promotora
Consórcio Minho Inovação
Comunidade Intermunicipal do Ave
Comunidade Intermunicipal do Alto Minho
Comunidade Intermunicipal do Cávado

Coordenação Editorial
Prof. Doutora **Maria Amélia Ribeiro de Carvalho**

Design Editorial
Lima - Gráfica e Publicidade

Ilustração
Valdemar Porto (exceto nos casos indicados)

Impressão e acabamento
Tipoprado Artes Gráficas, Lda.

Tiragem
200 Exemplares

ISBN
978-989-35188-3-0

Depósito Legal
525091/23

MINHO STORYTELLING

NOVOS OLHARES SOBRE O MINHO

NORTE2020
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE
PORTUGAL 2020
UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional
amar o minho